



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
MPGOA – MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO E ORGANIZAÇÕES
APRENDENTES

PETRONIO SANTOS CAVALCANTI

EDUCAÇÃO PARA O CONSUMO NA ORGANIZAÇÃO APRENDENTE
EDUCATIVA COMO INSTRUMENTO DETERMINANTE NA RELAÇÃO
SUSTENTÁVEL ENTRE SER HUMANO E MEIO AMBIENTE

João Pessoa-PB

2016

PETRONIO SANTOS CAVALCANTI

**EDUCAÇÃO PARA O CONSUMO NA ORGANIZAÇÃO APRENDENTE
EDUCATIVA COMO INSTRUMENTO DETERMINANTE NA RELAÇÃO
SUSTENTÁVEL ENTRE SER HUMANO E MEIO AMBIENTE**

Dissertação, apresentada pelo Mestrando Petrônio Santos Cavalcanti, ao Programa de Pós-Graduação em Organizações Aprendentes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito final para a obtenção do título de Mestre, sob a orientação da professora Dra. Rita de Cássia Pereira e a co-orientação do professor Dr. Mariano Castro Neto.

Orientadora:

Prof^ª. Dra. Rita de Cássia de Faria Pereira

Co-orientador

Prof. Dr. Mariano Castro Neto

João Pessoa-PB

2016

CAVALCANTI, Petrônio Santos

Educação para o consumo na organização aprendente educativa como instrumento determinante na relação sustentável entre ser humano e meio ambiente.

Fls.....;Tab.....;

Dissertação apresentada e defendida ao Comitê Examinador do Programa de Pós-Graduação em Organizações Aprendentes da Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Rita de Cássia de Faria Pereira.

Co-orientador Prof. Dr. Mariano Castro Neto

PETRONIO SANTOS CAVALCANTI

**EDUCAÇÃO PARA O CONSUMO NA ORGANIZAÇÃO APRENDENTE
EDUCATIVA COMO INSTRUMENTO DETERMINANTE NA RELAÇÃO
SUSTENTÁVEL ENTRE SER HUMANO E MEIO AMBIENTE**

Dissertação, apresentada pelo Mestrando Petrônio Santos Cavalcanti, ao Programa de Pós-Graduação em Organizações Aprendentes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito final para a obtenção do título de Mestre, sob a orientação da professora Dra. Rita de Cássia Pereira e a co-orientação do professor Dr. Mariano Castro Neto.

Dissertação de mestrado aprovado em ___/___/_____

Banca Examinadora

.....
Professor Dr. Mariano Castro Neto
Universidade Federal da Paraíba
(co-orientador)

.....
Professora Dra. Maria da Salete Barboza de Farias
Universidade Federal da Paraíba
(Examinador interno)

.....
Professora Dra. Francisca Alexandre de Lima
(Examinador externo)

João Pessoa-PB

2016

Aos meus filhos: Vitor Cavalcanti e Ana Luiza Braga, a professora e companheira Maria Josenilda Souza e a minha mãe Creuza Cavalcanti, tão disponível na hora de abençoar, assim como ao meu pai Permínio Cavalcanti (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela bondade infinita e presença constante em nosso meio. Por sua generosidade em aceitar e amar todos e todas. Pela oportunidade dada no sentido de poder adquirir novos saberes para disponibilizá-los a serviço da vida.

Aos meus familiares, que fazem parte cotidianamente dos momentos de alegria e dificuldades proporcionados pelas circunstâncias da vida: Sandra, André, Aldemário, Antônio (Toni), Cilvânia (Vânia), Socorro, Cilane, Petros e Pacélio.

A todos os professores que passaram pela minha vida no decorrer do meu processo formativo, especialmente ao professor Ivan Teófilo (*in memoriam*) que fez do ato de ensinar um exemplo de amorosidade consigo e com os outros.

Aos professores do Mestrado Profissional em Gestão e Organização Aprendiz (MPGOA / UFPB), que foram marcantes para avançar em novas leituras e outros desafios.

A minha orientadora, a professora Dra. Rita Pereira que, com a simplicidade de mestre, foi atenciosa e prestativa contribuindo com o resultado do meu trabalho.

Aos professores Dr. Mariano Castro Neto, Dra. Maria da Salete Barboza de Farias e Dra. Francisca Alexandre de Lima que me permitiram buscar novos saberes essenciais para continuação dos estudos.

Aos meus colegas de curso de mestrado: paraibanos, potiguaras, baianos e do meu estado Pernambuco, que tanto proporcionaram momentos de aprendizagem e afetividade.

As minhas inseparáveis colegas Margareth Vilaça e Cláudia Gomes, que me permitiram sempre a companhia, o exercício do diálogo e desabafo nos momentos de estudo e trabalho.

Aos professores, coordenadores, estudantes e colaboradores da Escola Estadual Antonio Campelo, especialmente a professora Rosângela Leal, que foi compreensível com minha ausência para avançar nos estudos.

Aos professores, coordenadores, estudantes e colaboradores da Escola Estadual Moysés Barbosa, que facilitaram e foram dóceis no desenvolvimento deste trabalho.

A professora Yolanda que sempre está disponível para contribuir na beleza e estética do pensamento.

Aos professores e gestores da Universidade de Pernambuco – UPE e Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco, que silenciosamente, fizeram acontecer esse momento de conquista e vitória.

Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos e filhas de Deus.

(Evangélista Mateus: 5, 9)

RESUMO

A educação para o consumo como instrumento determinante na relação ser humano e meio ambiente é o propósito desta produção. Como campo de pesquisa, a Escola Estadual Moysés Barbosa da cidade de Petrolina-PE, onde estudam aproximadamente 950 estudantes e trabalham 80 colaboradores. O campo favorece, significativamente, para a investigação sobre a educação que fomenta novas práticas em relação aos hábitos de consumo e que tem influência determinante para a existência de um ambiente sustentável. Consumir é uma necessidade humana, é inerente ao processo existencial; já o consumismo desencadeado pela sociedade denominada de hipermoderna, precisamente originária no século XIX, é depredador e nefasto com o meio ambiente. Com o consumismo, a pessoa passa a ser mercadoria, os produtos substituem o sujeito, a subjetividade humana é ocultada e evidencia-se o objeto. Nesse caso, quando o ser humano perde sua identidade, não é capaz de fazer o autoconhecimento e nem conhecer o outro como pessoa. Na situação de alienado, onde não é capaz de ser autônomo, autêntico, o meio ambiente corre perigo, no sentido de ser desvalorizado e posto às margens sem ter os devidos cuidados, que são necessários para uma boa vivência. O certo é que as ações humanas, quando não consideram a razão, a consciência, a emoção, o desejo, a lógica que são pertinentes ao ser, podem dificultar a existência de uma boa relação entre homem/mulher e natureza. O que se notabiliza neste trabalho é a necessidade de pedagogicamente, educar o sujeito para o consumo, visto que não há condições de habitar no planeta sem o exercício do cuidado. Neste estudo, reconhece-se o papel das organizações aprendentes, que permite experimentar o conhecimento tácito e explícito, presente e desenvolvido nas informações, nos dados, nas leituras e no uso das tecnologias. Desse modo, esta pesquisa teve como perspectiva, por meio da abordagem qualitativa e dos fundamentos da pesquisa-ação, compreender a importância da educação para o consumo como instrumento determinante para influenciar no comportamento das pessoas que precisam aprender a viver de forma ética e sustentável com o meio ambiente. As técnicas utilizadas para a construção de dados - a observação e entrevista favoreceram a investigação do problema do consumo sem responsabilidade e os impactos, que têm no ambiente as práticas do consumismo próprio da sociedade contemporânea. A entrevista foi diretiva e abordou 62 pessoas entre educandos e educadores. Cada resposta foi portadora de elementos substanciais para entender a educação que sucinta a reflexão sobre o problema, que afeta a vida das pessoas e dos outros seres, o consumo sem responsabilidade. Nessa direção, os resultados finais da pesquisa apontaram para a viabilidade da educação que orienta no ato de consumir, de cuidar e preservar o meio ambiente.

Palavras-chave: Educação para o consumo. Organização aprendente. Meio ambiente. Sustentabilidade.

ABSTRACT

The consumer education as a decisive instrument in the relationship between human beings and the environment is the purpose of this production. As a research field, the State School Moyses Barbosa city of Petrolina, where they study about 950 students and 80 employees work. Field favors significantly to research on education that fosters new practices in relation to consumer habits and has decisive influence on the existence of a sustainable environment. Consuming is a human need, it is inherent in the existential process; already consumerism unleashed by called hypermodern society, precisely originated in the nineteenth century, it is predatory and harmful to the environment. With consumerism, the person becomes merchandise, products replace the subject, human subjectivity is hidden and it is evident the object. In this case, when the human being loses his identity, it is not capable of self-knowledge and not knowing the other as a person. In the alienated situation where it is not able to be autonomous, authentic, the environment is in danger, to be devalued and put the banks without proper care, that are necessary for a good experience. The truth is that human actions, if not consider the reason, consciousness, emotion, desire, the logic that are pertinent to be, can hinder the existence of a good relationship between man / woman and nature. What is notable in this work is the need for pedagogically educate the subject to consumption, since there are no conditions to inhabit the planet without the exercise of care. In this study, we recognize the role of learning organizations, which lets you experience the tacit and explicit knowledge, this and developed the information, the data, the readings and the use of technology. Thus, this study was prospective, through qualitative approach and action research foundations, understand the importance of consumer education as key tool to influence the behavior of people who need to learn to live in an ethical and sustainable way the environment. The techniques used for building data - observation and interview favored the investigation without responsibility consumption problem and the impacts they have on the environment of consumerism practices characteristic of contemporary society. The interview was policy and addressed 62 people between students and educators. Each answer was carrying substantial elements to understand the education brief reflection on the problem, which affects the lives of people and other beings, consumption without responsibility. In this sense, the final results of the research pointed to the viability of education that guides the act of consuming, to care for and preserve the environment.

Keywords: Education for consumption. learning organization. Environment. Sustainability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fluxograma: Elementos do cotidiano	17
Figura 2 - Organização aprendente Educativa Moysés Barbosa	68
Figura 3 - Lixo jogado nos corredores durante o período de aulas	69
Figura 4 - Torneiras de bebedouros abertas desperdiçando água potável	69
Figura 5 - Lâmpada acesa durante o período diurno na organização.....	70
Figura 6 - Diários utilizados anualmente	70
Figura 7 - Água gerada pelo ar-condicionado é desperdiçada.....	71
Figura 8 - Ventiladores em funcionamento por longos períodos.....	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Demonstrativos da população	59
Quadro 2 - Idade dos estudantes	59
Quadro 3 - Perfil dos educadores participantes - sujeitos da pesquisa	74
Quadro 4 - Perfil dos educandos participantes - sujeitos da pesquisa	74

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Caracterização do problema	14
1.2 OBJETIVOS	18
1.2.1 Objetivo Geral:	18
1.2.2 Objetivos Específicos:	19
2 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DA PESQUISA.....	20
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
3.1 Educação para o consumo na escola	24
3.2 Educar para o consumo	27
3.3 A organização e a educação para o consumo	34
3.4 Sociologia e a educação para o consumo	37
3.5 Bauman e a sociedade de consumidores	41
3.6 Consumismo como objeto da crítica	45
3.7 Gadotti, a Pedagogia da Terra e a ecopedagogia.....	47
3.8 Bauman, Gadotti e a Educação.	52
4 MÉTODO DE PESQUISA	58
4.1 Sujeitos da pesquisa	58
4.2 Coleta de dados	61
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	64
5.1 Resultados	65
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	67
6.1 Educação para o consumo na escola	67
6.2 Perfil dos participantes	73
6.3 Análises das entrevistas.....	75
6.3.1 Diferença do discurso dos educadores x educandos	81
7 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	82
Notabilidade da pesquisa:.....	85
REFERÊNCIAS	86
ANEXO A.....	89
ANEXO B	91

1 INTRODUÇÃO

O estudo trilha pelo compromisso de compreender a educação para o consumo na organização aprendente educativa como instrumento determinante na relação sustentável entre ser humano e meio ambiente, como também entender a vitalidade do ato educativo na mudança substancial do comportamento das pessoas, quando essas se deparam com o desejo, a necessidade e o prazer de consumir.

O exercício do consumo é uma questão de sobrevivência, mas a execução deste ato sem analisar as causas e consequências, desconsiderando os prejuízos não somente do ponto de vista individual, sobretudo coletivo, torna-se necessário à reflexão e uma intervenção, no intuito de evitar situações de extremo desrespeito ao meio ambiente, como reforça Gadotti (2008, p. 11) “está demonstrado que a degradação ambiental gera conflitos humanos”. Isto é, torna-se fundamental uma educação para a sustentabilidade onde se possa equilibrar a relação meio ambiente e sociedade.

Educar para o consumo responsável exige uma educação que permita escolher o que se deve consumir e por que consumir, considerando as variáveis da necessidade humana como ponto de convergência na pesquisa. Por este viés, educar para saber consumir é educar para a sustentabilidade, para a preservação do meio ambiente e para o exercício constante do cuidado.

O contexto atual demonstra o quanto se faz necessário pensar a educação que oriente e possibilite uma cultura de responsabilidade e da consciência no ato de consumir, nesta caminhada, é preciso emergir o entendimento de que a arte de educar, de instruir e de formar o ser humano não é uma tarefa nada fácil, apesar de saber que fazer educação é um processo constante e que se desenvolve ao longo da vida no ser humano. Desde sua presença no mundo até sua negação existencial, homens e mulheres educam e são educados.

Fazer acontecer à educação para o consumo é, de fato, mergulhar em águas profundas, visto que o ato de consumir, nos dias atuais, é financiado pelo sistema econômico que, por diversas situações, dita as regras. Por isso, acreditar e materializar a prática do consumo consciente e responsável apresenta aos agentes do processo uma missão bastante desafiadora no contexto atual.

Vale ressaltar que exigir uma educação que direcione para a mudança de atitude em relação ao ato de consumir, possibilitando a presença de um sujeito responsável, sendo capaz de dimensionar seus atos perante o convívio social, é devolver a esperança aos moradores da

cidade, da região, do país e do mundo, apontando para outras possibilidades, como diz Silva (2014, p. 38):

Ser um consumidor consciente é o mesmo que ser um cidadão melhor, que começa a mudar a sua maneira de encarar os desafios atuais relacionados às nossas fontes de água potável e de energia, ao lixo produzido em proporções incalculáveis, à embalagens plásticas, à reciclagem, à redução dos níveis de gás carbônicos na atmosfera etc.

Esta investigação sobre educação para o consumo na organização aprendente educativa como instrumento determinante na relação sustentável entre ser humano e meio ambiente, foi realizado na Escola Estadual Moysés Barbosa, município de Petrolina, no estado de Pernambuco – enquanto campo específico para visualizar os elementos visíveis gerados pelas práticas de consumo dos participantes da organização educativa aprendente.

1.1 Caracterização do problema

O tema “consumismo” é pertinente e o debate sobre a melhor forma de consumir, sobre a prática do uso de bens materiais, o sentido e significado do ato de educar para saber consumir são questões que, nos dias atuais, não podem deixar de ser elementos essenciais para a educação.

Nesse contexto, este trabalho buscou responder as seguintes questões:

- A educação para o consumo é, de fato, um instrumento eficaz para assegurar a sustentabilidade entre o ser humano e meio ambiente?
- A educação para o consumo ajuda na escolha e na decisão das pessoas no ato de consumir?
- O indivíduo educado faz indagações, questionamentos e reflexões antes de consumir os bens materiais e os recursos naturais?
- A educação para o consumo, assim como outros tipos de educação é um processo tecido coletivamente no convívio social e que, por isso exige a participação da organização aprendente?

Para melhor lidar com o problema de uma pesquisa sobre a educação para o consumo como instrumento determinante na relação sustentável entre o ser humano e a natureza, é importante saber que não pode ser construída sob uma visão estreita, dogmática e linear. O caminho metodológico deve considerar a contextualização dos fatos e acontecimentos, as variáveis inerentes aos problemas e os elementos condicionados aos processos políticos, econômicos, sociais e culturais (DALBERIO; DALBERIO, 2009).

Outra questão crucial para o entendimento do problema, especificamente sobre a educação para o consumo, é não permitir o isolamento do objeto investigado. Ao dialogar com Morin (2008), defensor da não fragmentação do conhecimento, percebe-se a necessidade de não dicotomizar o teórico do prático, o sujeito do objeto, o pensar do agir, para não impedir a construção de um entendimento, que precisa ser amplo e democrático.

Assim, é importante notabilizar no trabalho científico que a prática da interdisciplinaridade, da transversalidade e da multidisciplinaridade faz ver o objeto com complexidade, ou seja, condicionado a outros elementos que, não sendo considerados no momento da pesquisa, comprometem a veracidade da questão debatida e proposta no trabalho. Nesta perspectiva, “os novos conhecimentos, que nos levam a descobrir o lugar da Terra como cosmo, a Terra-sistema, a Terra-Gaia ou biosfera, a Terra pátrias dos humanos, não têm sentido algum enquanto isolados uns dos outros” (MORIN, 2008, p. 39).

O caminho a percorrer por esta pesquisa não pode perder o foco que dimensiona o valor da prática educativa que são experimentadas dentro da organização aprendente educativa e que, por isso, precisam ser explícitas e reconhecidas como ponto de partida para reflexão e descoberta.

Merece ser dito que o objeto de estudo não pode ser visto numa visão estável e nem ingênua do processo. Precisa ser instigado no olhar da conectividade, das interligações entre as partes existentes nas diversas áreas do conhecimento, como sugere Morin (2008, p. 88), “há, efetivamente, necessidade de um pensamento que compreenda que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes.”

Encontrar os elementos de sustentação e da fundamentação da educação para o consumo é, de fato, prestar um serviço de proporções inimagináveis, pois não pode a ciência ficar neutra e nem os pesquisadores ignorarem uma realidade, que é bastante preocupante, o consumo desproporcional ao que é produzido pela civilização atual.

Como vimos, estamos consumindo além da capacidade de renovação da Terra. Para alimentar com dignidade a todos os habitantes do planeta, atendendo suas necessidades, precisaríamos de três planetas, segundo os padrões de consumo capitalista. Hoje os seres supostamente mais educados do planeta são os que mais o destroem, são os maiores depredadores da Terra pelo seu estilo insustentável de vida (GADOTTI, 2008, p. 87).

Os pressupostos e fundamentos da educação conduzem e provocam indagações tipo: o que consumir? Por que consumir? E quais os efeitos gerados pelo consumismo? Sem essa reflexão, compromete-se o ambiente em que se vive, pois é notório que, sem um equilíbrio

entre os seres, as consequências são infinitas, pois surge escassez de recursos naturais, enchentes em determinadas regiões ou secas por períodos prolongados, poluição, produção de lixo desordenado, desertificação, efeito estufa e outras catástrofes caracterizadas pela prática da exploração dos recursos naturais com fins financeiros.

O que se propõe enfaticamente com esta pesquisa é fundamentar uma educação que proporcione atitudes responsáveis e conscientes no ato de escolher e desejar os produtos, os objetos, os alimentos por parte dos sujeitos históricos, pois, sem o entendimento e a racionalidade da prática, inviabiliza, ainda mais, a sobrevivência no planeta com sustentabilidade, pois as atitudes de homens e mulheres presentes no momento atual não podem desconsiderar o futuro. Na defesa por uma educação significativa e que faça diferença na vida das pessoas, é pertinente lembrar o pensamento do sociólogo Edgar Morin (2001, p. 60).

Por isso, a educação deveria mostrar e ilustrar o destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro serão o exame e o estudo da complexidade humana.

A sociedade contemporânea é extremamente identificada pelas relações de consumo, estabelecidas nas práticas sociais, causando inúmeros problemas não somente ao meio ambiente, mas também na vida do sujeito, que, por falta de uma educação para o consumo, age sem tomar conhecimento das consequências geradas pelo consumismo irresponsável, provocando desequilíbrio na comunidade onde habita.

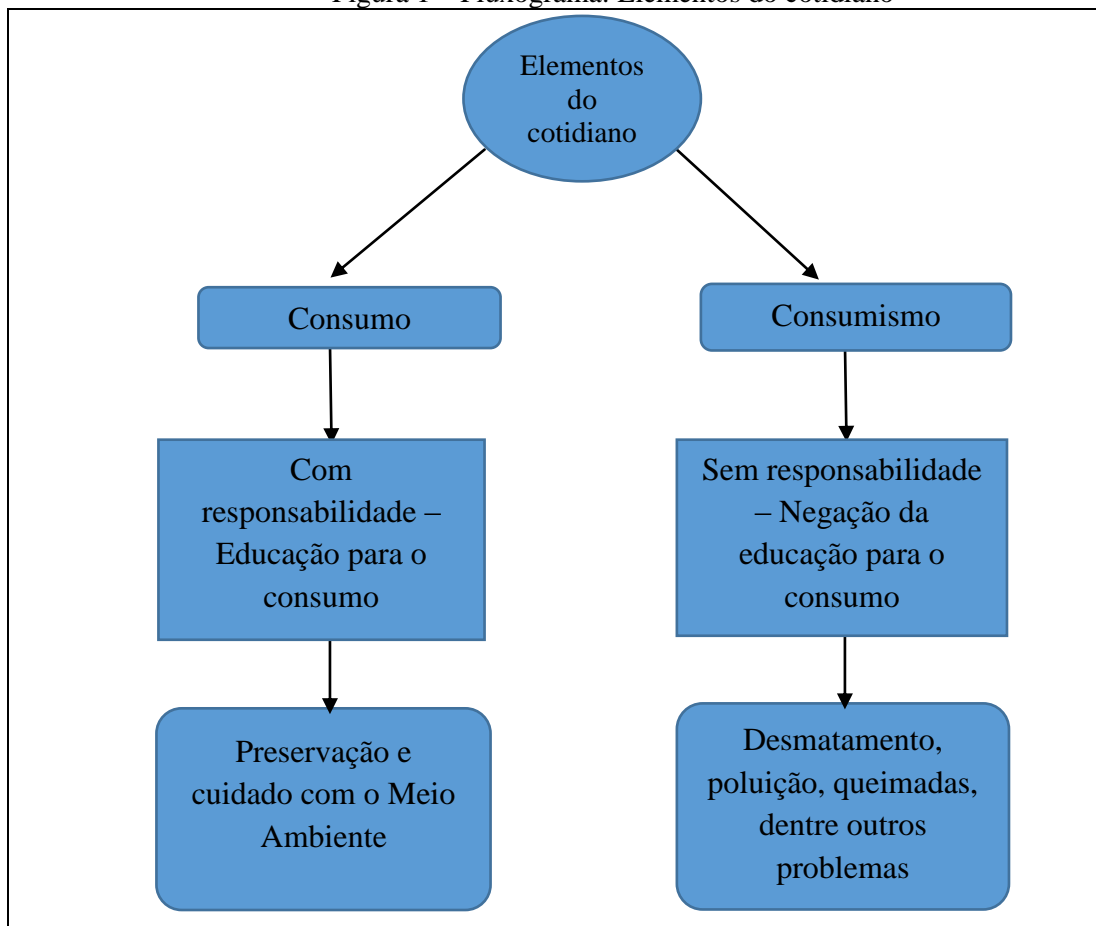
Logo, o foco deste trabalho é mostrar como a educação para o consumo é relevante na formação do sujeito responsável e consciente no ato de consumir, visto que o não uso da razão, da reflexão, da problematização sobre as atitudes das pessoas inviabiliza a existência de sujeitos livres e autônomos no ato de escolher, desejar e viver as emoções diante da ação de consumidores. A ausência de pessoas com condições de entender e compreender como a realidade se manifesta compromete negativamente na relação harmoniosa que deve ter o ser humano e o meio ambiente.

É preciso entender que a educação para o consumo desenvolvida em uma escola, enquanto organização aprendente, desempenha um papel fundamental para a sensibilização e a formação de princípios éticos, que devem ter homens e mulheres habitantes de uma comunidade, “precisamos reorientar os programas educacionais existentes no sentido de

promover o conhecimento, as competências e habilidades, princípios, valores e atitudes relacionadas com a sustentabilidade” (GADOTTI, 2008, p. 102).

Sabe-se que, numa sociedade de consumidores, o ser humano é visto como mercadoria, a sua essência de sujeito confunde-se com o objeto, a mercadologização. Em Bauman (2008), tudo é transformado em mercadoria, há uma perda da identidade, da natureza, da cultura e da subjetividade. O inconsciente da pessoa que consome sem refletir age tão desordenado que leva o indivíduo a escolher as marcas e não o produto, o desejo e não a necessidade, tais elementos se configuram no cotidiano e demonstra de forma presente e por isso tornam-se objetos de análise e estudo, conforme figura a seguir.

Figura 1 – Fluxograma: Elementos do cotidiano



Fonte: autor da pesquisa

O momento atual exige posturas firmes e consistentes com condições de apresentar um modelo que ajuste o ato de consumir com a responsabilidade necessária ao bem comum. Nesse entendimento, ganham destaque o conhecimento, a aprendizagem, a reflexão, a crítica, as formas estratégicas, os planos elaborados de forma coletiva, o uso das tecnologias e a

inovação, pois, com a presença desses instrumentos, surgem novas práticas, novas posturas, novos entendimentos, novos fazeres, que apontam para dar outro sentido à vida humana.

Concebido unicamente de modo técnico-econômico, o desenvolvimento chega a um ponto insustentável, inclusive o chamado desenvolvimento sustentável. É necessária uma noção mais rica e complexa do desenvolvimento, que seja não somente material, mas também intelectual, afetiva, moral [...] (MORIN, 2001, p. 69).

Destaca-se, fundamentalmente, que os costumes e os hábitos de consumir no modelo de sociedade atual têm levado a coisificar a vida e a comprometer o bem-estar do ser humano, visto que o consumo de forma irresponsável, descontrolado e sem parâmetro causa o desequilíbrio e a destruição da natureza, como diz Bauman (2008, p. 108):

Devemos recordar, contudo, que numa sociedade de consumidores, em que os vínculos humanos tendem a ser conduzidos e mediados pelos mercados de bens de consumo, o sentimento de pertença não é obtido seguindo os procedimentos administrados e supervisionados por essa “tendência de estilo” aos quais se aspira, mas por meio da própria identificação metonímica do aspirante com a “tendência”.

Diante do contexto, permanece o desafio de pensar, problematizar, pesquisar, indagar, questionar e fazer ciência na perspectiva de encontrar uma fundamentação teórica e metodológica na intencionalidade de disponibilizar, na organização educativa, a educação para o consumo, visando ao enfrentamento e à transformação das práticas consumistas em exercícios que alimentem a sustentabilidade e o consumo responsável, permitindo o surgimento do sujeito capaz de valorizar todos os seres.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral:

Analisar como a organização aprendente desenvolve a educação para o consumo, de forma a assegurar a sustentabilidade entre o ser humano e o meio ambiente, compreendendo-a como um instrumento para o exercício da cidadania ativa.

1.2.2 Objetivos Específicos:

- Identificar práticas que revelem o significado da educação para o consumo e sua competência para orientar na responsabilidade quanto ao ato de consumir e à preservação do meio ambiente;
- Reconhecer dificuldades e facilidades que tangem ao consumo inerente ao cidadão e a preservação do meio ambiente como forma de convivência sustentável;
- Propor estratégias didáticas e científicas para o desenvolvimento de atividades pedagógicas voltadas para a construção de hábitos responsáveis no agir consumista, visando a sustentabilidade do ser humano com o meio ambiente.

2 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DA PESQUISA

Consumir faz parte da vida, principalmente de bens necessários e condicionados à nossa existência, como lazer, habitar, alimentação, boa saúde, pesquisa, estudo e diversão. Mas, a atitude consumista é um comportamento alimentado e energizado com intenções de alienar o ser humano e, neste, confundir entre quem é sujeito e quem é objeto, o consumismo provoca destruição e deixa o ser humano sem uma identidade; sua ação não é determinada de forma racional e objetiva.

O ato de consumir sem considerar o meio ambiente, gera uma série de situações que interfere na boa convivência que deve ser estabelecida entre o ser humano e ambiente. Pois, as práticas humanas impensadas ou sem considerar o espaço que habita, influencia de forma negativa na convivência sustentável, ocasionando diversos impactos ambientais, tais como enchentes, inundações, queimadas, poluição, desertificação e produção de lixos.

A prática do consumismo ganha força a partir da existência corporal do humano que tem desejos, emoções, anseios, vontade, autonomia, sonhos. Tais características impulsionam a ação rotineira do ser humano para o consumo irresponsável e causador de males contra si, o próximo e o local onde vive; por isso, faz-se necessário uma educação que tenha o foco na conscientização, na formação do sujeito capaz de cuidar do ambiente, buscando a sustentabilidade do mesmo.

Se reduzido à forma arquetípica do ciclo metabólico de ingestão, digestão e excreção, o consumo é uma condição, e um aspecto, permanente e irremovível, sem limites temporais ou históricos; um elemento inseparável da sobrevivência biológica que nós humanos compartilhamos como todos os outros organismos vivos (BAUMAN, 2008, p. 37).

Assim, defender uma educação para o consumo que permita a sustentabilidade entre o ser humano e o meio ambiente, faz-se necessário, especificamente, em uma organização aprendente educativa, que tem por objetivo educar para a efetiva cidadania. Em que no pleno exercício desta, sejam capazes de questionar os hábitos, os costumes, as tradições desenvolvidas por homens e mulheres participantes de uma comunidade, de uma sociedade e que, por isso, precisam de um novo olhar, novas práticas, novos métodos e novas formas de relações com o próximo e a natureza, como destaca Silva (2014), que em uma sociedade consumista como a nossa, os valores dos mercados são ostensivamente imputados em nossa vivência diária, e isso tende a distorcer a maneira pela qual “moldamos” a nossa existência.

As ações impensadas de consumir sem princípios éticos não abalam apenas uma parte das comunidades humanas, e sim todo o globo, para o capitalismo feroz não há limites. A globalização da mercadoria e de territórios é uma maneira de internacionalizar atitudes, que se universalizam com semelhanças culturais arraigadas nos costumes, hábitos e valores em detrimento do consumismo. Torna-se necessário construir uma consciência responsável.

A consciência, como já detalhei no livro *Mentes Perigosas*, é a estrutura essencial e determinante da nossa índole. É ela que nos impulsiona a sermos éticos e morais e nos capacita a amar e nos responsabilizar pelos outros (SILVA, 2014, p. 189).

Nesta direção, é importante clarificar que a educação é essencial para a formação do ser humano, tendo em vista que, no exercício da prática cidadã, necessita saber escolher, lidar com as emoções, controlar os desejos e aprender a conviver de forma responsável.

Em nome da felicidade e do prazer momentâneo, a prática do consumo irresponsável e sem compromisso com a vida humana aumenta e ganha proporções gigantescas no momento, como abordou sobre a questão o sociólogo polonês Bauman (2008, p. 65),

o valor mais característico da sociedade de consumidores, na verdade seu valor supremo, em relação ao qual todos os outros são instados a justificar seu mérito, é uma vida feliz. A sociedade de consumidores talvez seja a única na história humana a prometer felicidade na vida terrena, aqui e agora e a cada “agora” sucessivo.

Assim, é que se faz necessário intervir de forma sistemática e pedagógica no que se refere ao consumo desenfreado e sem limites, aumentando a responsabilidade de homens e mulheres que vivem em organizações, trabalham diariamente e fazem gestão do conhecimento.

Por esse motivo, as organizações aprendentes podem desenvolver, no seu cotidiano, uma educação voltada para pensar sobre o consumo responsável, o desenvolvimento sustentável, onde seja possível aprender e desenvolver ações que sejam benevolentes e que estejam em consonância com a qualidade de vida das pessoas.

Uma organização aprendente não pode ficar neutra, passiva, omissa diante desse fenômeno social, não pode negar seu papel fundamental na elaboração de ideias, produtos, conhecimentos e outros meios, pois pensar na participação de uma organização, no caso a escola, defendendo a ato educativo para a sustentabilidade, favorece e engrandece para uma nova consciência ecológica. “A sustentabilidade que defendemos refere-se ao próprio sentido do que somos de onde viemos e para onde vamos como seres humanos” (GADOTTI, 2008, p. 46).

Numa organização educacional, fica bem mais fácil aprender e multiplicar a aprendizagem sobre o consumo consciente e o desenvolvimento sustentável, pois lidar com o conhecimento, gestar elementos do cotidiano e fazer acontecer as transformações devem ser ações das organizações, do administrador das instituições que têm poder de influenciar no dia a dia das pessoas, seja na própria empresa, na família, no lazer, nas relações de empreendimento, como prenuncia Morin (2011), quando aborda a tomada de consciência, alertando para as ameaças mais graves em que incorre a humanidade e estão diretamente ligadas ao progresso cego e incontrolado do conhecimento (armas termonucleares, manipulações de todo tipo, desregramento ecológico, etc.).

Então, surge a provocação: que modelo estabelecido é este, que exige das instituições aprendentes educativas, da sociedade e das famílias a presença da educação para o consumo e que, sobretudo, impulse as mudanças no comportamento das pessoas, onde seja possível aprender a cuidar e consumir de forma responsável, sabendo utilizar o solo, a água, a energia, o plástico, o vidro, o papel, o ferro, o alumínio, a madeira e outros materiais, de forma sustentável e equilibrada.

No contexto, merece destacar a importância das organizações aprendentes, no caso a escola, quando oferece a educação para o consumo e define sua atuação em ações estratégicas - visando alcançar o desenvolvimento socialmente sustentável, em diálogo com Gadotti (2008), não há desenvolvimento sustentável sem sociedade sustentável. Nesta direção, torna-se necessário apontar os elementos da sustentabilidade, da educação para o consumo, da capacidade de aprender sobre o ato de consumir com responsabilidade.

Na atualidade, cada organização é convidada a assumir o compromisso de mudança, trazendo para si a responsabilidade sobre as transformações e a defesa da sustentabilidade, como também das questões referentes ao consumo responsável, principalmente as instituições educativas. Afinal, uma boa parte das pessoas vive e convive com as instituições, é formada e adquire conhecimentos, que são gestados pela própria essência da organização, que permite aprender e desaprender. Seus espaços e processos são facilitadores de ideias e práticas.

O certo é que a educação para o consumo, adquirida na organização, irá fazer com que os sujeitos presentes na instituição aprendam a melhor forma de lidar com os bens materiais, com os recursos naturais sendo capazes, portanto, de exercitar o cuidado, fonte de práticas que despertam o desejo de promover o desenvolvimento com sustentabilidade, fazendo uso de forma responsável e equilibrada.

Cuidado é um gesto amoroso para com a realidade, gesto que protege e traz serenidade e paz. Sem cuidado, nada que é vivo sobrevive. O cuidado é a força maior que se opõe à lei da entropia, o desgaste natural de todas as coisas, pois tudo de que cuidamos dura muito mais (BOFF, 2003. p. 2).

O que se quer dizer é que cabe à educação absorver esse fenômeno, permitindo aos participantes da empresa momentos de conhecer, aprender, visualizar, trocar experiências e sentir as causas das práticas consumistas, reconhecendo os seus limites, mas, dando resposta satisfatória a partir das informações, da gestão do conhecimento, da gestão dos dados e da gestão da qualidade dos produtos e serviços, gerados nas práticas educativas.

Aqui, é bom frisar que a prática consumista financiada pelo capitalismo selvagem, que transforma o ser em mercadoria, em bens de consumo, entra em conflito com a educação para o consumo, que apresenta um olhar diferente, assim como seu posicionamento diante dos problemas causados pela exploração do recursos naturais.

Diante do exposto, fica evidente o quanto é importante a existência de uma educação que oriente o ser humano para a prática do consumo e que o mesmo seja educado para saber fazer as escolhas, assim como controlar os impulsos no momento das emoções e do desejo em querer adquirir ou consumir determinados produtos ou bens.

O sentido primordial deste trabalho é enriquecer o debate e oferecer um pouco mais de subsídio sobre o tema, trazendo indagações e respostas sobre a necessidade de pensar e valorizar sobre a educação para o consumo, que faz mudar o comportamento de crianças, homens e mulheres, que, emergidos na sociedade de consumidores, agem sem considerar a necessidade de reflexão sobre a prática consumista.

A intenção é contribuir com a literatura existente sobre o assunto e, ao mesmo tempo, introduzir elementos para que outras indagações, sugestões e ideias sejam disponibilizadas no intuito de avançar cada vez mais sobre a construção de alternativas de consumo na sociedade vigente.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O valor da educação para uma consciência responsável, assim como para o exercício efetivo da cidadania e que de fato possa intervir de forma preventiva no sentido de promover uma consciência ecológica para uma aproximação mais fraterna e respeitosa com os outros seres, é destaque para diversos autores e autoras, que a partir dos seus estudos tratam, do ponto de vista sociológico, o ato de consumir e seus impactos, tanto na vida das pessoas, como do meio ambiente.

Nesse campo de entendimento é merecido o estudo sobre o pensamento do sociólogo polonês Bauman (2008), que preocupado com este fenômeno tem apresentado para a sociedade, literaturas que facilitam o entendimento sobre o ato de consumir na sociedade hipermoderna.

É preciso dizer que a sociologia, enquanto ciência que estuda o consumo, tem constantemente analisado sua presença como prática na sociedade atual. O ato de consumir tem sido um dos focos da sociologia. Pois, todo ato social que impede uma harmônica convivência entre o ser humano e o meio ambiente passa a ser objeto de estudo.

3.1 Educação para o consumo na escola

Educar não é, de fato, uma ação simples, espontânea, feita sem fundamentação. O ato de educar precisa considerar variáveis importantes para que os fins sejam atingidos. O processo exige uma série de elementos fundamentais para que se obtenha um resultado satisfatório e significativo.

Não se pode trabalhar por quaisquer resultados, ou por resultado nenhum- o que é uma insanidade-, mas sim pelos melhores resultados possíveis; isto da parte tanto dos ocupantes de funções na estrutura política do país e de funções administrativas como dos ocupantes de funções didático-pedagógicas. Afinal, todos somos responsáveis pelo resultado final, a formação do educando como sujeito-cidadão (LUCKESI, 2011, p. 57).

O ser humano não pode ser visto separado, fragmentado como fundamentava o paradigma do ocidente, formulado pelo cartesianismo, que separava o objeto do sujeito, a alma do corpo, o sentimento da razão.

Por nenhum motivo, o ato de educar pode ser feito ou pensado sem mergulhar com profundidade sobre a especificidade humana. Sem indagar alguns elementos filosóficos como: para que educar? Como educar? Quem deve educar quem? Como afirma Morin (2008, p. 37),

“conhecer o humano não é separá-lo do universo, mas situá-lo nele. Quem somos? É inseparável de onde estamos, de onde viemos, para onde vamos?”. Nesse aspecto, a prática de educar vai ganhando uma especificidade necessária e pertinente entre os humanos suscita um olhar crítico e investigativo para que não haja distorções e equívocos no exercício de conduzir o sujeito em formação.

Não se avança muito quando ainda se aceita o “achismo” como determinante no processo de formação, tipo: “meus pais educaram assim e sou o que sou”, “a educação vem de casa”, “cada um faz o que a natureza manda”, “o ser já nasce pronto, sabendo”, “a melhor educação é a que é recebida em casa”; essas expressões representam o sentimento presente no pensamento e na prática de muitas pessoas que ainda acreditam que o ser humano é predestinado. A ideia desse pensamento é negar a presença do sujeito que interage com o meio e a intenção é inviabilizar a possibilidade do surgimento dos sujeitos que, no processo de convivência conflituosa, adquirem consciência e lutam pela transformação, sendo, portanto, capaz de intervir e mudar, significativamente, o espaço geopolítico. Como diz Freire (1996, p. 76), “É o saber da história como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo.”

Diante dessa constatação em que fica evidente que educar não é uma tarefa fácil, mesmo que se saiba que é um processo constante e que acontece ao longo da vida quando o sujeito ainda está se desenvolvendo na barriga da mãe. Pois, sabe-se que o indivíduo só deixa de aprender quando é interrompido devido à ausência na Terra. “Já foi dito que não somos seres dados, prontos, mas seres em movimento” (LUCKESI, 2011, p. 78).

Assim, pensar uma educação para o consumo dentro da escola é assumir o compromisso de educar o ser humano para um convívio fraterno com o semelhante e a natureza. Uma educação que conduza o ser humano para saber fazer escolha e controlar as emoções no ato de consumir é querer a presença, efetivamente, da cidadania, do sujeito autônomo, capaz de exercer com ética a liberdade com responsabilidade.

Nos dias atuais, educar para saber fazer escolhas, controlar as emoções e os desejos de consumo faz diferença enorme para uma vida social saudável, não há como aceitar as atuais práticas de consumo sem responsabilidade e sem compromisso com o meio ambiente. Nesta perspectiva, faz-se necessário entender que “escolher é uma condição humana que determina quem somos e quem seremos no futuro” (SILVA, 2014, p. 109). A responsabilidade com a construção de um ambiente sustentável é tarefa de todos.

Educar para saber escolher, educar para controlar as emoções, educar para saber decidir é garantir para o sujeito em formação a oportunidade de saber pensar e exercer com

autonomia diante dos fatos e acontecimentos, pois está no mundo é existir e fazer parte dele. Essa relação com o ambiente é reforçada por Freire (1996, p. 77), que afirmou: “ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra.”

Hoje, mais do que nunca, precisa-se de uma educação que ajude o ser humano a escolher, ainda em Silva (2014, p. 109), “há quem diga que somos as escolhas que fazemos.” Saber decidir e ter consciência dos atos são ações humanas, pois, somente assim, esse teria condições de agir de forma prudente e civilizada, capaz de saber julgar, avaliar e agir diante da realidade.

Uma organização aprendente educativa que leva em consideração a prática do consumo responsável, que pensa sobre os impactos gerados na sociedade de consumidores, que se preocupa com o desenvolvimento e progresso propagado e idealizado pela sociedade industrial, é, de fato, uma organização comprometida com a vida e com o futuro do planeta, é uma organização dinâmica, moderna e contemporânea engajada no processo de mudança e de comprometimento diante de um fenômeno social que aflige a todos, que é o consumo irresponsável.

Para Gadotti (2008, p. 77),

[...] diante do possível extermínio do planeta, surgem alternativas numa cultura da paz e uma cultura da sustentabilidade. Sustentabilidade não tem a ver apenas com a biologia, a economia e a ecologia. Sustentabilidade tem a ver com a relação que mantemos com nós mesmos, com os outros e com a natureza.

Não resta dúvida de que uma organização aprendente educativa quando decide com seus membros incluir no seu projeto político-pedagógico educar para que o sujeito em formação possa, efetivamente, exercer a cidadania plena faz com que esta esteja comprometida com os avanços e as inovações inerentes à sociedade atual.

O projeto político-pedagógico que configura nossos sonhos e desejos de emancipação humana por intermédio da escola, necessita de um projeto pedagógico com um dos seus mediadores teóricos, ou seja, de uma proposta pedagógica que traduza nossos anseios filosófico-políticos em compreensões e orientações práticas e executáveis (LUCKESI, 2011, p. 60).

A educação para o consumo deve conduzir o sujeito para o exercício da responsabilidade e do compromisso, exercendo a cidadania diante dos acontecimentos que tornam desagradáveis para si, para o outro e para o meio em que vivem. “A educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão” (MORIN, 2008, p. 65).

Não há mais tempo a perder, não há como esperar, a escola enquanto organização aprendente educativa é convidada a educar para saber consumir, para saber fazer verdadeiramente opção entre o que deve e o que não deve adquirir. Esses saberes fortalecidos e incentivados pela organização podem ser determinantes na formação do indivíduo, que precisa conhecer elementos cruciais que ajudam a entender o convívio em comunidade, como se organiza, assim como funciona a sociedade. “Nenhum e nenhuma de nós pode ser arrogante a ponto de supor que o planeta é propriedade nossa para a gente fazer o que quer” (CORTELLA, 2008, p. 143).

Entende-se que mediante a compreensão dos fatos, da história, dos acontecimentos, das falas, dos sujeitos, das práticas, das experiências e dos sentidos que o ser age e elabora as convicções, forma o entendimento e define seu fazer. Nesta direção, educar para produzir sentido, para saber pensar, decidir, assumir, compreender, questionar, escolher e filosofar estabelece um caminho que possibilita devolver ao ser humano condições de interagir e desenhar o seu próprio ambiente, sendo capaz de gerir com zelo e afeto, conforme afirma Ghedin,

O filosofar tem uma dimensão extremamente criativa, pois não se configura apenas como pensamento do já pensado, mas apresenta-se como espaço de criação e ampliação da interpretação do mundo, das ideias, das práticas, das teorias, dos fenômenos, da existência e de sua extensão (2009, p. 49).

O ponto crucial do desenvolvimento de uma educação para o consumo consiste em obter resultados significativos que se caracterizem pela mudança no comportamento dos indivíduos, que, no ato consumir, precisam ter consciência e conhecimento sobre os impactos no uso e na aquisição de bens e produtos.

3.2 Educar para o consumo

Numa organização aprendente escolar, é visível o quanto se faz necessário uma educação que ajude os participantes a fazerem permanentemente, como algo rotineiro o uso do consumo responsável e equilibrado, contribuindo com o saber fazer escolhas, pois, nos espaços educativos, é visível o uso de água potável pronta para o consumo humano ser desperdiçado sem remorso. “O desperdício e o lixo pelo modelo da sociedade de consumo exigem uma reflexão e uma ação muito especial” (BRASIL, 2008, p. 387).

Práticas comuns e rotineiras, tais como: consumir a pipoca, o chiclete, a bala, o doce, o picolé e jogar as embalagens no ambiente limpo, desconsiderando os inúmeros lixos

produzidos, são ações que acontecem com frequência em organização aprendente educativa. Nos ambientes pedagógicos, em que se realizam atividades didáticas, é comum a geração de material desnecessário. Os estudantes utilizam folhas dos cadernos em vão e impensadamente.

Discutir os cuidados como o ambiente escolar, o uso adequado dos recursos disponíveis favorecendo atitudes de não desperdício de materiais ou objetos de uso pessoal. A partir da identificação de alguns objetos mais utilizados, sua matéria-prima e processos de transformação, o aluno pode reconhecer a necessidade e a dependência que a humanidade tem dos recursos naturais, mediante sua presença em tudo o que utiliza, bem como das diferentes formas de trabalho e técnicas adotadas para converter aqueles recursos em materiais disponíveis (BRASIL, 2008, p. 387).

Assim, o desperdício provocado por este modelo que estabelece o consumo como elemento fundamental para a realização pessoal requer reflexões, permitindo encontrar resposta em relação aos atos impensados. O que deve ser exposto e dito é que uma organização aprendente não pode deixar de avaliar, estudar e educar seus participantes no intuito de mudar o comportamento, visto que o mesmo causa prejuízo ao meio ambiente e compromete a qualidade de vida.

Educar para saber fazer escolhas no ato de consumir gera novas práticas e novos olhares sobre o ato de aquisição e uso de um produto, faz o sujeito sentir-se responsável com os espaços, que são habitados e precisam de cuidados e afeto, como justificam Lago e Pádua (1985, p. 78):

A poluição é um fenômeno que pode ser definido com a presença de substância ou efeitos físicos estranhos a um determinado ambiente, em quantidade tal que afete o seu equilíbrio, degradando a estrutura de sua composição e do seu funcionamento.

Em unidades de ensino, as luzes são acesas sem interrupção, mesmo nos espaços em que existe claridade natural, sem necessariamente precisar do uso de energia elétrica, que além de faltar, ainda representa um custo excessivo para os cofres públicos.

A vida na casa e na escola pode ser analisada como um sistema de trocas discutindo como evitar o desperdício de energia e recursos, seu uso adequado, a existência de tecnologias e alternativas para minimizar o esgotamento de recursos não-renováveis. (BRASIL, 2008, p. 387).

Nos espaços de organizações aprendentes educativas, percebe-se o quanto faz falta uma educação que eduque cada participante dessa, a saber, a consumir e a fazer uso dos bens e serviços. A ausência de um jardim com plantas e árvores, mesmo com espaço adequado e com um solo excelente para o desenvolvimento desses seres, é notório, pois as plantas que

existem, quando não são mal cuidadas são cortadas pelos próprios educandos que, sem o mínimo de cuidado, pisam-nas e arrancam-nas como se não tivesse uma ligação com sua vida, como se não houvesse uma relação de reciprocidade entre os seres.

Riscar as paredes, quebrar as bancas, ligar ventiladores sem necessidade, distorcer as torneiras para jorrar água e faltar para o consumo no próximo turno, pisar as plantas, depositar lixo em qualquer lugar, acender lâmpadas sem necessidade, abrir as torneiras dos banheiros coletivos e deixar a água jorrar sem controle, não reutilizar o papel fornecido pelo problema ou erro no ato de usar as impressoras, tudo isso tem sido permanente em unidades de aprendizagem.

São práticas de consumo visivelmente inaceitáveis para os dias atuais, que, no olhar da educação para o consumo, precisam ser revistas, analisadas, pensadas, questionadas e discutidas com todos os segmentos desta organização, na intencionalidade de fazer mudanças no comportamento das pessoas, criando uma cultura do cuidado e da responsabilidade com o meio em que vivem.

Tais práticas existentes em organização aprendente escolar são evidências que impulsionam emergencialmente o ato educativo e que o mesmo facilite e contribua para a reflexão pedagógica e didática sobre a prática do consumo sem responsabilidade. É significativo dizer para os participantes de organizações aprendentes educativas que saber consumir é, sim, um ato de efetiva cidadania.

O comportamento dos participantes de unidades de ensino demonstra o quanto à educação para o consumo faz falta, como é salutar desenvolver o pensamento que devolve ao sujeito presente a responsabilidade pelos atos cometidos e que afetam diretamente a relação do homem com a natureza, do sujeito consigo e com os outros. Esse comportamento gera poluição e, assim, origina a violência com o meio ambiente, como afirmam Lago e Pádua (1985, p. 78),

a sociedade urbano-industrial criou cerca de 500 mil substâncias artificiais de efeito poluente diverso. Criou também inúmeros novos tipos de efeito físico (ruídos, etc.) que possuem impacto ambiental negativo. Esses não são, entretanto, os únicos agentes poluidores.

Defender e justificar uma educação para o consumo responsável dentro de uma organização aprendente educativa, onde seja possível a presença de sujeitos capazes de discernir os impactos de suas práticas no convívio com o semelhante e com a natureza passa a ser um compromisso político e pedagógico dos educadores, pois bem se sabe que um comportamento neutro, omissivo, indiferente, apático com esse fenômeno da

contemporaneidade, cria obstáculos para evitar sua desenvoltura com elasticidade. O certo é que a prática do consumo gera ainda mais a necessidade e o desejo de consumir, e, por isso, é merecido dizer que o ato de educar para saber consumir com responsabilidade ganha um lugar privilegiado dentro de uma sociedade que tem em mente o desenvolvimento sustentável.

A realidade que se apresenta em organizações aprendentes educativas deixa todos numa encruzilhada, numa situação de fragilidade, que impede exercer o direito de escolha entre educar para consumir com responsabilidade, cuja finalidade deve ser proporcionar o ser humano, a saber, fazer escolha e controlar as emoções ou negar-se a educar.

A defesa por uma educação que possa transformar a vida das pessoas e que venha contribuir na formação para o convívio com os outros seres, sendo o mesmo capaz de agir com responsabilidade, assumindo sua historicidade como sujeito pensante e racional, é desafiadora e oportuna, exige tomada de posição crítica e uma ação bem planejada, onde não deixe obscurecer o objetivo maior, que é formar para interagir com outros seres de forma harmoniosa e sem hierarquia, como se posicionou o educador Luckesi (2011, p. 30), “Nós nos formamos na interação com o meio que nos cerca assim como com os outros seres humanos”.

Não há como viabilizar uma sociedade sem um projeto educacional bem planejado, sem um projeto que tenha no cerne a questão da formação do ser humano, sem considerar os entraves, as dificuldades, a existência do contraditório, não se pode caminhar sem ter noção aonde se deseja chegar. “O foco fundamental de uma filosofia da educação, a nosso ver, deve partir do fato de que o ser humano está no centro de atenção da prática educativa” (LUCKESI, 2011, p. 28).

É comprometedor a formação das pessoas se não existirem os elementos que sustentam e fundamentam o ato de educar. Em (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 59), “A educação deve compreender que existe uma relação inviolável e retroalimentadora entre a antropologia e epistemologia, relação que ilumina as dinâmicas do conhecer e do poder.” Neste sentido, a ciência, a antropologia, a sociologia e filosofia, como também a epistemologia e a gnosiologia são essenciais para identificarem o verdadeiro sentido da educação e sua atuação na elaboração e construção de saberes necessários e indispensáveis, que facilitam e proporcionam mudança na vida das pessoas.

Não há como fazer educação, formar as pessoas sem considerar as perguntas básicas como: Que sociedade queremos? Que ser humano desejamos formar? Aonde queremos chegar? Tais perguntas são de extrema necessidade para que se possa vislumbrar Luckesi

(2011, p. 49), quando faz pergunta semelhante em relação à formação: “como se forma o sujeito e com que recursos?”

O que vale ser dito é que o ato de educar é muito diferente do ato de impor, normatizar, determinar, forçar, coagir e restringir o conhecimento. “Consciência restrita é aquela que conhece pouco e, conseqüentemente, compreende pouco... tem uma visão restrita do mundo e, com base nela, pratica ações também restritas” (LUCKESI, 2011, p. 44).

No ato de educar, não se pode aceitar o disciplinamento, a ordem, as ameaças e outras práticas originárias da educação tradicional, que aparelhada com a ideia dos ranços antidemocráticos, justifica com argumentos sólidos, dizendo ser a melhor forma de educar o ser humano. Para formar pessoas é preciso reconhecer a importância da ciência, da filosofia, do senso comum, da arte, da cultura. Não se pode educar o ser homem, ser mulher semelhante a plantas que nascem no matagal e crescem sem serem podadas e sem os devidos afetos que precisam, qualquer que seja o ser, como afirma Luckesi (2011, p. 57), “a ação educativa não pode ser ‘qualquer ação’, mas a mais consistente para alcançar os objetivos estabelecidos”.

No ato de educar, é preciso construir no sujeito em formação uma compreensão sólida, congruente, aberta e não dogmática sobre as diversas variáveis existentes na sociedade. Pois viver numa sociedade conflituosa, cheia de contradições, muitas vezes, dividida entre os que sabem e os que não, entre os que têm poder aquisitivo e outros não, entre os que dominam e outros que são dominados passa a ser de fato um elemento crucial para que não exista nas pessoas um pensamento infantilizado e ingênuo. Faz-se necessário metodologicamente que o ato de educar conduza o ser humano para a prática da criticidade, da indagação, do exercício da pergunta, da não aceitação do determinismo e da verdade absoluta.

Admiração e espanto significam: tomamos distância do nosso mundo costumeiro, através de nosso pensamento, olhando-o como se nunca o tivéssemos visto antes, como se não tivéssemos família, amigos, professores, livros e outros meios de comunicação que nos tivessem dito o que o mundo é; como se estivesse acabando de nascer para o mundo e para nós mesmos e precisássemos perguntar o que é, por que é e como é o mundo, e precisássemos perguntar também o que somos, por que somos e como somos (CHAUI, 1997, p. 12).

O ser humano, no ato de educar, precisa ter a oportunidade de aprender a fazer escolhas, a compreender as diferenças e a distinção entre o bem e o mal, entre o ruim e o bom, entre ser ou não ser, entre fazer ou não, entre ter ou ser.

A meta de todo ser humano, a nosso ver, é tornar-se “sujeito” - isto é, tomar posse de si mesmo -, a fim de ser capaz de confrontar-se com as facilidades e

dificuldades da vida e do mundo, administrando-as para o seu bem-estar, assim como do outro e do meio ambiente” (LUCKESI, 2011, p. 29).

O ato de educar vai modelando o sujeito para o encontro com mundo. Quando se educa, busca-se tirar do sujeito a capacidade de amar e ser amado, faz com que o indivíduo possa se ver dentro de uma realidade que contém várias outras realidades. Como afirma o escritor e educador espanhol Zabala (2002, p. 28): “educar quer dizer formar cidadãos e cidadãs, que não estão parcelados em compartimentos estanques, em capacidades isoladas”.

Educar é o extremo, é o antagonismo da imposição, da normatização, da determinação, da coerção e da ordem. Dizer para uma pessoa que não se pode e não se deve agir daquela forma ou de outra, não é suficiente para que a mesma possa tomar decisões, fazer escolhas ou controlar as emoções.

Impor, criar mecanismos de que tudo é proibido não ajuda muito na construção de uma sociedade democrática e livre. O sujeito precisa ser autor e autora de sua história, precisa atuar como protagonista de um processo que não pode ser conduzido somente pelo grupo seletivo, que tudo sabe e tudo faz. “A educação e a escola necessitam transgredir essa lógica que condena todos ao não ser, ao não pensar, a não liberdade” (GHEDIN, 2009, p. 65).

Ressalta-se que o ser tem o direito de sentir-se livre para assumir sua condição de ser humano mediante dos fatos e acontecimentos. Não há como evoluir quando tudo se define pelas normas, pela imposição, pela ideia de que não pode e não se deve fazer, como afirma Morin:

O poder imperativo e proibitivo conjunto dos paradigmas, das crenças oficiais, das doutrinas reinantes e das verdades estabelecidas determina os estereótipos cognitivos, as ideias recebidas sem exame, as crenças estúpidas não contestadas, os absurdos triunfantes, a refeição de evidências em nome da evidência, e faz reinar em toda parte os conformismos cognitivos e intelectuais (2001, p. 27).

Não se pode conceber uma sociedade que deseja fazer uso da tecnologia, da ciência, da arte, da filosofia, podendo e impedindo o ser humano de exercitar sua curiosidade, sua capacidade de indagar e dizer não, nesta direção Freire (2009, p. 84), se coloca: “Se há uma prática exemplar como negação da experiência formadora é a que dificulta ou inibe a curiosidade do educando e, em consequência, a do educador.”.

O ser humano tem uma especificidade, que é de ser livre, de ser autônomo, de ser capaz de administrar sua própria vida na qual a maior virtude é reconhecer o entrelaçamento das vidas, afirmando com sabedoria e poesia o entendimento que diz que não há como

sobreviver no mundo sem as outras vidas, como afirmou Boff (1999, p. 29), “não existe isso de alguém ser rei/rainha e considerar-se independente, sem precisar dos demais.”

Diante desses saberes, é que o ato de educar ganha relevância e substitui o ato de imposição, de normatização de práticas, que são fundamentadas pelo medo e pela proibição, pela negação de aceitar a incerteza e a dúvida da tomada de consciência sobre o mundo e suas facetas.

Não se avança para nenhum lugar com o sujeito na qualidade de criança, de jovem ou de adulto quando não se permite a esses a oportunidade de refletir sobre sua própria existência, quando não lhe é dado o direito de buscar sua própria identidade, quando lhe proporciona o isolamento, à distância, a invisibilidade dos problemas oriundo dos conflitos e da luta existente na sociedade estratificada. Não pode o sujeito permanecer estancados, estável, semelhante a uma estátua que todos admiram, olham e fazem comentários, mas que não configura com seu movimento, que é natural. Fica comprometida a formação do sujeito quando o mesmo não consegue fazer perguntas como: quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?

A ciência se renova quando seus praticantes são capazes de colocar sob suspeitas algumas das certezas às quais nos expomos. Será que é isto é assim mesmo? Será que não há outro modo de fazer? Será que isto não resulta mais de hábitos do que de verdades? Será que aceito o argumento pela autoridade que o proclama, em vez de buscar os fundamentos da veracidade do proclamado? Será? (CORTELLA, 2013, p. 122).

Tais questionamentos são cruciais para que o sujeito possa definir uma identidade terrena, capaz de saber situar-se no contexto e agir como ser pensante e sábio. Não se pode conceber uma sociedade que desvaloriza e não trabalha para que haja uma educação que ajude o ser humano a despertar e assumir compromisso com a vida, a ter responsabilidade com o meio em que vive e atuar de forma que sua ação seja na intencionalidade de criar as melhores condições para sua existência e a dos outros.

Educar é diferente de impor, educar não tem nada a ver com coerção, ordem, disciplina, silêncio ou obediência. Educar é como define a origem da palavra, é conduzir o ser para fora, é preparar para lidar com todas as situações conflituosas e existenciais promovidas pela comunidade de humano.

Não se pode aceitar qualquer que seja a civilização, qualquer que seja a comunidade, qualquer que seja a nação que não permite com que o indivíduo tenha o direito de saber e perguntar. Gadotti (2011, p. 59) defende que: “educar é também aproximar o ser humano do

que a humanidade produziu. Se isso era importante no passado, hoje é ainda mais decisivo numa sociedade baseado no conhecimento.”

A curiosidade deve ser sempre exercitada em cada sujeito, o movimento de questionar, indagar, perguntar, avaliar e problematizar deve ser o ponto central do ato de educar, pois ninguém é autor da educação do outro, ninguém pode ser proprietário da liberdade dos seus pares, Luckesi (2011, p. 44) argumenta que: “O sujeito-cidadão precisa ser formado desde cedo, para que possa, ao mesmo tempo, ser cuidadoso consigo mesmo e com o outro, constituindo-se como um sujeito ético comprometido com o serviço à vida”.

Diante da força do ato de educar, que se fundamenta com os instrumentos do diálogo, da dúvida, do compartilhamento, da pesquisa, da liberdade, da autonomia, da democracia, do reconhecimento do sujeito como histórico, político, econômico, livre, cultural, moral, ético, religioso e antropológico, é que ganha relevância a educação para o consumo. Isso porque, pensar sobre a prática do consumo, indagar sobre os atos de consumir, questionar o uso dos recursos naturais, deve ser um caminho metodológico e epistemológico da educação para o consumo.

Educar para consumir deve ser constante, permanente, deve ser ações promovidas no cotidiano, sem dar trégua para outros tipos de práticas, pois, se não for garantida essa educação, fica comprometida a qualidade de vida para os participantes atuais, como para as futuras gerações.

3.3 A organização e a educação para o consumo

Uma organização aprendente se define pela capacidade de aprender a lidar com o conhecimento, de criar ambiente para a inovação e de permanecer atualizada no intuito de garantir sua sobrevivência. Organizar uma empresa para ser espaço de fortalecimento, produção e aglutinação do conhecimento e assumir como aprendente é buscar no seu interior, junto aos seus colaboradores, formas adequadas de pensar e planejar as ações, considerando veementemente o contexto em que se está inserido, de acordo com Choo (2003, p. 30), “a organização que for capaz de integrar eficientemente os processos de criação de significado, construção do conhecimento e tomada de decisões pode ser considerada uma organização do conhecimento”.

O que se pretende dizer é que, para uma organização aprendente continuar existindo, ela precisa estar ciente do seu papel enquanto construtora de significados, onde seja possível delinear toda uma estratégia que deve estar explícita na missão, nos valores e nos objetivos

que caracterizam sua feição de organização, pois sua presença, numa determinada comunidade, não pode ser de ocultação com os problemas sociais.

É fundamental que uma organização aprendente valorize o conhecimento de cada colaborador, que seu planejamento contemple os meios que permitam a troca de saberes e a socialização das experiências, que cada indivíduo traz consigo. Choo (2003, p. 30) defende que: “por meio do diálogo e do discurso, os membros partilham seus conhecimentos e articulam o que intuitivamente sabem por meio de metáforas, analogias, assim como de canais mais formais de comunicação”.

Valer-se do conhecimento socializado amplamente deve ser uma característica de uma organização que deseja continuar oferecendo seus serviços com qualidade para a sociedade. O caminho que uma organização deve percorrer deve ser no sentido de haver a abertura para que seus colaboradores aprendam e ensinem no movimento horizontal e circular, cuja aprendizagem ocorra de forma significativa e permanente. “As pessoas dentro da organização estão sempre tentando entender o que acontece à sua volta” (CHOO, 2003, p. 32).

Ser uma organização aprendente é diferente de uma que não se organiza para deixar o conhecimento tomar um lugar privilegiado e constante, pois a ausência de saberes prontamente constituídos dentro do seu ambiente interno caracteriza como uma organização autoritária, descontextualizada, arcaica e prepotente. Sua atuação em nada contribui para o desenvolvimento da pessoa, da organização e dos serviços que prestam à população. Essas organizações não se proliferam e não se apresentam como protagonistas dentro de uma sociedade competitiva, onde a tecnologia, a ciência, o conhecimento têm papel fundamental no processo de crescimento e de emancipação em relação à produção e à oferta dos serviços e de produtos.

A construção do conhecimento é conseguida quando se reconhece o relacionamento sinérgico entre o conhecimento tácito e o conhecimento explícito dentro de uma organização, e quando são elaborados processos sociais capazes de criar novos conhecimentos por meio da conversão do conhecimento tácito em conhecimento explícito (CHOO, 2003, p. 37).

Para que uma organização aprendente não seja jogada às margens, seja excluída e descartada dentro do sistema econômico, político, social e cultural, que se caracteriza como competitivo, flexível e dinâmico, ela terá, que viabilizar mudanças substanciais na forma como se organiza e trata o conhecimento. “O avanço tecnológico provocado pela revolução industrial promove a substituição do trabalho artesanal pelo industrial, o que desencadeou a necessidade de novas formas de aplicação do conhecimento” (SILVA, 2009, p. 24).

O desafio é manter-se na busca constante de aprender com os membros participantes da organização, para Nunes (2005, p. 103), “A organização não pode mais ser vista como uma entidade isolada, com poucos componentes invariáveis, e sim como uma rede de microambientes inter-relacionados, que se sobrepõem e afetam uns aos outros, ainda que distintos”, pois é notória que com as mudanças ocorridas nos últimos anos, já não mais se concebe uma empresa que desvaloriza o poder da informação, do conhecimento, dos dados e de outros saberes, que são essenciais para substantivar uma organização como inovadora, eficiente, colaboradora, flexível, dinâmica e prestadora de serviços.

Nessa perspectiva, é salutar para uma organização que seus colaboradores aprendam entre si sobre os elementos que fundamentam uma educação para o consumo, que possa entender de forma racional a importância da escolha na aquisição ou uso de bens ou produtos, assim como controlar os desejos e a emoção na hora da compra. O que se pode destacar é que uma organização aprendente é um espaço privilegiado para disseminar o conhecimento, as experiências, os dados, as informações sobre um fenômeno social tão presente no cotidiano, que é o ato de consumir, como argumenta Silva (2009, p. 117), “nas organizações, existem processos formais e informais e estruturas para aquisição, compartilhamento e utilização de conhecimento e habilidades”.

Oferecer condições de aprendizagem dentro da organização sobre a responsabilidade no ato de consumir é, de fato, se comprometer socialmente com uma questão de extrema importância para o convívio coletivo e pessoal, sabendo-se que, munido do conhecimento e da informação, esse sujeito não só irá ter uma mudança de comportamento dentro da própria empresa, como também contribuirá na defesa da qualidade do meio ambiente em outros espaços educativos, como: família, sindicato, associação de moradores, clube de mães, igreja e outras instituições presentes na sociedade. “Socialização é o processo pelo qual se adquire conhecimento tácito partilhando experiências” (CHOO, 2003, p. 37).

O processo educativo se dá quando proporciona condições de aprendizagem, e o resultado dessa aprendizagem se consolida quando o sujeito é capaz de desenvolver habilidades e competências no ato de saber fazer uso da informação, do conhecimento, da experiência adquirida dentro e fora da organização, de saberes que se constituem na prática e na práxis humana, no convívio permanente com os objetos e os sujeitos, na realização histórica, antropológica, sociológica e filosófica, que são inerentes à vida humana.

Quando um indivíduo aprende, é capaz de exercitar diante das diversas situações, que a vida proporciona, elementos oriundos dos saberes adquiridos sejam tácitos ou explícitos, pois, assim, ele age racionalmente na intenção de mudar a realidade, que se apresenta com

suas variáveis, afirma Luckesi (2011, p. 83), “todavia, não é demais frisar, mais uma vez, que a verdadeira aprendizagem exige a ação, uma ação compreendida, elaborada mentalmente-compreensão que permite um novo e mais adequado modo de agir”.

É expressivo dizer aqui que a educação para o consumo compartilhada e desenvolvida dentro de uma organização, quando tem a intenção de ampliar saberes necessários aos participantes, representa um momento de identificação e caracterização desse sujeito diante da mudança, que deve ter um sujeito em processo de aprendizagem.

Toda educação oferecida deve ter uma intencionalidade, definir fundamentos, ser embasada na filosofia, na antropologia, na sociologia, na pedagogia e também pela psicologia, já que não existe neutralidade no ato educativo, nem um único olhar ou um só padrão. Não há conjuntos de valores que não tenham um fim, que não conduzam para induzir ou formar; a educação sempre levará o sujeito para a construção da concepção, das ideias, da visão sobre a vida, o mundo, as pessoas e o meio ambiente.

A organização aprendente deve organizar tempo e planejamento, com conteúdos, informações e dados estruturadores que suscitem ao sujeito pensar sobre o ato de consumir de forma responsável e equilibrada. Possibilitando ações que permitam a distinção entre ser consumidor e ser consumista, em consumir com ou sem responsabilidade, entre saber fazer escolhas ou ser induzido a este ato, para Silva (2014, p. 19): “A cultura consumista e individualizada está tão profundamente enraizada em nosso comportamento diário que, na maioria das vezes, não percebemos o quanto vivemos sob a ditadura do ter”.

A própria discussão sobre a identidade desse sujeito torna-se conteúdos para aprendizagem, pois retratar as diferenças, buscar comparações, dimensionar características passa a ser um bom começo para viabilizar conhecimento sobre o ato de consumir com responsabilidade, e a partir daí, formatar um planejamento que contemple essa educação que tem por finalidade mudar o comportamento das pessoas diante da atitude de adquirir bens e produtos que, sem consciência, sem sensibilidade, pode causar dificuldades para uma vida com qualidade, assim como para a existência do desenvolvimento sustentável.

3.4 Sociologia e a educação para o consumo

Negar que a Sociologia enquanto ciência tem sido displicente com a questão do consumo sem responsabilidade, com o problema de consumir sem notabilizar os problemas causados ao meio ambiente e com a decisão de escolher sem reconhecer os danos provocados por práticas consumistas, seria desconhecer o quanto esta ciência chamada Sociologia tem

valorizado o tema e, refletido com afinco, sobre esse fenômeno, como afirmam Bauman e May (2010, p. 17):

Por isso, e porque, não importando o que façamos, somos dependentes dos outros, poderíamos dizer que a questão central da Sociologia é: como os tipos de relações sociais e de sociedade em que vivemos têm a ver com as imagens que formamos uns dos outros, de nós mesmos e de nosso conhecimento, nossas ações e suas consequências? São questões desse tipo-partes das realidades práticas da vida cotidiana, que constituem a área própria da discussão sociológica e definem a Sociologia como ramo relativamente autônomo das ciências humanas e sociais.

Chamar de fenômeno o problema do consumismo não é descaracterizar outras práticas humanas, mas sim provocar uma discussão sobre a necessidade de aprofundar com mais desenvoltura sobre a questão e dimensionar didaticamente sobre sua razão de ser.

Consumir é uma prática normal, comum, cotidiana e inerente ao processo existencial. Segundo Silva (2014, p. 35): “a sociedade consumista implica sempre uma produção excessiva, de desperdício, de irracionalidade e de manipulação dos nossos desejos”. Mas, agir como consumista sem o mínimo de consistência no ato da compra, ou do uso dos bens ou de produtos passa a ser elemento para o estudo e pesquisa.

Se a questão do consumo sem responsabilidade refere-se ao comportamento humano, torna-se objeto da sociologia. Para Teles (1993, p. 10): “podemos definir Sociologia como uma ciência que estuda os fenômenos sociais, refletindo sobre eles e tentando explicá-los através de certos conceitos, técnicas e métodos”. Então, tudo que se aproxima do ser humano e do seu convívio social é fator preponderante para o estudo sociológico.

Não há dúvida quanto à preocupação da sociologia quando o tema é consumo, pois, sendo uma atividade humana e cultural, passa a ser objeto dessa ciência e de seus métodos, como ressalta a autora.

A sociologia, no entanto, não fica apenas no estudo dos fenômenos sociais, mas parte para o levantamento de possíveis soluções e o estudo de maneiras como interferir nestes fenômenos, tendo por fim o bem-estar coletivo (TELES, 1993, p. 14).

A prática de consumir presente na sociedade contemporânea, hipermoderna, não é uma atividade recente. Os primeiros habitantes já vivenciavam o ato de consumir, de produzir e de adquirir. A questão posta para a reflexão é o modelo do consumismo financiado pelo paradigma atual, que teve início no processo de industrialização, fortemente presente no século XVIII e XIX, que, em nome do desenvolvimento e do progresso, utiliza, indiscriminadamente, os recursos naturais não renováveis, sem reconhecer o valor do cuidado,

da preservação e da sustentabilidade. “O cuidado é aquela condição prévia que permite o eclodir da inteligência e da amorosidade, o orientador antecipado de todo comportamento para que seja livre e responsável, enfim tipicamente humano” (BOFF, 2003, p. 22).

O papel da sociologia é contribuir com a reflexão sobre o problema, ou melhor, sobre o fenômeno gerado dentro da sociedade e que pode trazer prejuízos para a vida social, assim como para o futuro dos novos habitantes. Deve essa ciência com seus pensadores e pesquisadores encontrarem alternativas viáveis que justifiquem a necessidade de haver mudanças no comportamento das pessoas, que, sem o uso da razão, da emoção e do afeto, agem sem responsabilidade como o presente, o passado e o futuro. “O sociólogo é uma pessoa que questiona a sociedade e, portanto, incomoda quem prefere manter as coisas como estão” (TELES, 2001, p. 10).

É evidente afirmar que a sociologia não pode analisar os fatos sem considerar outras ciências e outros saberes, e dizer que sociologia não pode refletir sobre o fenômeno sem considerar a questão da dialética, da interdependência, da conectividade, da complexidade existente numa determinada realidade, pois pensar e refletir exigem o tripé metodológico proposto por Saviani (2000, p. 20): “A reflexão deve ser radical, rigorosa e de conjunto sobre os problemas que a realidade apresenta”.

Não cabe à sociologia, enquanto ciência que estuda os elementos constitutivos da vida em sociedade, agir como determinista e metafisicamente, isolando o objeto do sujeito, da análise, dos estudos e dos acontecimentos sociais. Não pode a sociologia ser orientada pelo dogmatismo exacerbado que se tranca no mundo particular, dicotomizada e não considera as diversas conjunturas, os diversos olhares, a diversidade de culturas e concepções.

A Sociologia não pode ter uma posição determinista em relação ao seu objeto de estudo: a possibilidade de quantificação das variáveis para seu estudo e sua transmissibilidade futura, assim como a generalização das relações entre as variáveis descobertas, é algo relativo e precário (TELES, 2001, p. 11).

Quando abordamos a educação para o consumo, a questão da escolha no ato de consumir, o problema do não controle dos desejos na hora da compra, a questão do uso dos recursos naturais e não renováveis estamos sim diante de problemas que podem ser vistos pelo olhar da sociologia, da filosofia, da antropologia, da psicologia, da ecologia, da economia e da administração. Não que não existam outras que tenham tratado do tema ou queiram analisar melhor, o que se pode afirmar é que, por parte desses saberes, existem muitos trabalhos desenvolvidos enumerando a questão do consumo.

Na sociologia, encontra-se reservadamente o espaço para discutir essa questão com rigorosidade. A sociologia do consumo promove uma reflexão sobre as diversas concepções do objeto, viabiliza o entendimento histórico e conceitual da prática consumista.

O pensamento que deve ficar explícito neste texto é o de afirmar o papel preponderante da Sociologia sobre o estudo das práticas consumistas, do ato de consumir sem considerar as implicações no cotidiano, sem respeitar a presença de outras vidas, sem agir com responsabilidade no momento específico da compra e da aquisição de produtos.

Consumir é preciso para viver, mas viver para consumir pode ser uma das maneiras mais eficazes de transformar a vida em uma morte existencial. E quando isso acontece, deixamos de viver em porto seguro de paz e necessidades satisfeitas para nos lançarmos em um mar revolto, em que ondas de dívidas, remorsos e desesperos passam a tomar de assalto nossas vivências mais básicas (SILVA, 2014, p. 41).

A linha que segue a sociologia do consumo é uma demonstração do quanto o assunto tem uma especificidade dentro dos estudos sociológicos que se fundamentam na análise teórica e práticas do comportamento humano. Pois, assim como outras ciências, a sociologia dedica todo um tempo e espaço para aprofundar, cuidadosamente, sobre estas práticas que, de qualquer forma, estão intrínsecas e são predominantes na forma de organização e existir do ser humano. “Em outras palavras, a verdadeira sociologia termina por incomodar as categorias cujos interesses sejam afetados pela revelação das relações sociais que estejam na origem dos problemas sociais” (VILA NOVA, 2000, p. 43).

Entende-se então, o consumo como prática humana - elemento constitutivo da sobrevivência. É do comportamento humano a obtenção da felicidade ao consumir. Viver as emoções ao fazer escolhas, definir uma identidade ao adquirir algum produto, fazer parte de grupos que usam produtos diferenciados e com valores específicos para uma camada da população. São atitudes recorrentes ao supérfluo - com crescente produção de lixo. Para Bauman (2008, p. 31): “A sociedade de consumidores é impensável sem uma florescente indústria de remoção do lixo”. Nesta perspectiva, geram-se lixo de tamanha proporção que afeta diretamente o meio ambiente.

Por essa razão é que a sociologia se faz necessária e indispensável para a construção de paradigmas que ajudem na construção da melhor forma de se organizar uma sociedade, onde o fundamental seja a preservação e o cuidado com a vida humana, não permitindo uma hierarquia entre os humanos e os outros seres. “Logo, podemos concluir que aprender a pensar com a sociologia é uma forma de compreender o mundo dos homens e que também abre a possibilidade de pensá-lo de diferentes maneiras” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 21).

3.5 Bauman e a sociedade de consumidores

Na abordagem sobre o ato de consumir, de criar uma identidade para o consumidor, de entender o lugar da subjetividade humana no ato de comprar e de usar produtos e bens é importante pensar no quesito o sujeito como mercadoria.

Nesta perspectiva, destaca-se o estudo do pensador e sociólogo polonês Bauman. Sua sensatez e militância fazem a diferença quando ele aborda e desvenda o problema que passou a ser objeto de reflexão e estudo da sociologia - o consumismo, pelos métodos e pelos agentes. Ressalta-se que pensar, discutir, analisar, refletir e entender sobre o consumismo é contextualizar a partir do olhar sociológico da chamada sociedade hipermoderna.

Zygmunt Bauman nasceu em 19 de novembro de 1925 na Polônia. Antes de começar sua vida universitária serviu ao exército pela União Soviética na Segunda Guerra Mundial; no seu país, militou entre os anos de 40 e 50 no partido comunista, até se desligar da organização devido à experiência do fracasso do socialismo no leste europeu. Teve a graduação em Sociologia na extinta URSS. Foi, preliminarmente, professor na universidade de Varsóvia. Lá por motivos de perseguição, emigrou da Polônia e se estabilizou na Grã-Bretanha, onde se tornou professor titular na universidade de Leed. Foi agraciado com os prêmios Amalfi de Sociologia e Ciências Sociais em 1992 e Theodor W. Adorno em 1998, o primeiro, pela obra *Modernidade e Holocausto*, e o segundo, pelo conjunto de sua obra.

Bauman, é o sociólogo que, simpaticamente, ajuda a entender essa transformação do sujeito em mercadoria. Sua obra, “*Vida para consumo*”, lançada no Brasil em 2008 é o ponto de partida para visualizar a relação existente entre o ato de consumir e a prática do consumismo, entre a subjetividade humana e o objeto, entre ser e ter, entre o que é passageiro, descartado, efêmero e líquido. Evidencia que a subjetividade dos consumidores é feita de opções de compra- opções assumidas pelo sujeito e seus potenciais compradores, sua descrição adquire a forma de uma lista de compras.

Vários outros pensadores, sociólogos, estudiosos identificados em outras áreas do conhecimento abordaram e sugeriram uma teoria sobre o problema do consumismo, da relação consumidor e mercadoria, sobre o sentido do consumo e suas realizações dentro da sociedade. Sobre o assunto, existe uma vasta literatura, produzida antes, durante e depois das abordagens de Bauman sobre a sociedade de consumidores.

Em relação à questão do consumo na sociedade contemporânea esse pensador se configura como uma das pessoas que soube fazer uma leitura compreensível e crítica deste

comportamento humano, que como ser humano age no meio social e no convívio com os outros, e por isso, merece ser visualizado. Bauman, com o olhar sociológico coloca no lugar a cultura consumista, o consumidor e a sociedade de consumidores.

Bauman soube, com os fundamentos da epistemologia, localizar o problema da sociedade de consumidores, sua astúcia pela compreensão da subjetividade e a forma como se manifesta na relação com a mercadoria, o que permite uma reflexão onde vale a pena se perguntar: Para onde vamos caminhando? Aonde queremos chegar? Que fim terá esse modelo em que tudo é mercadoria?

Sua afirmação, a transformação da pessoa em mercadoria, a priori, joga para o pessimismo, o desânimo, a insatisfação, a sensação de que tudo está determinado, aponta para uma frustração concomitante com a falta de esperança. O que, na verdade, decepciona é olhar para o presente, pensando no futuro e aceitar o domínio absoluto da negação do sujeito pensante, do ser crítico, do indivíduo histórico, do que é capaz de exercer uma ética para a solidariedade e, constatar que, em nome do consumismo, o sujeito torna-se objeto, mercadoria.

A felicidade, o prazer, a satisfação não é mais uma conquista, um bem coletivo, um projeto de vida, mas, um sentimento temporalizado e momentâneo, fruto da aquisição de um bem ou produto, quando faz uso da marca e não do objeto, quando descarta, liquida material que era novo e logo foi para o lixo. O que se pode afirmar é que esse ser, transforma-se em fantoche e marionete nas mãos de outros que determinam o que dever ser e ter. Assim, a sociedade do consumo dita as regras. “Na economia consumista, a regra é que primeiro os produtos apareçam (sendo inventados, descobertos por acaso ou planejados pela agências de pesquisa e desenvolvimento) para só depois encontras suas aplicações” (BAUMAN, 2008, p. 53-54).

Na escalada do seu pensamento sobre a sociedade de consumidores onde é explícito o ser humano como mercadoria, a intenção, de fato, não é promover o desespero, nem tampouco a desesperança nas pessoas, suas análises sociológicas conduzem para aquisição de um saber apropriado sobre uma questão que tem definido as relações, um estilo de vida e que tem identificado o protótipo de sujeito, quando o assunto é o consumo.

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável (BAUMAN, 2008, p. 20).

Bauman(2008) é um estudioso que faz provocações necessárias sobre a forma como se organiza e desenvolve a sociedade hipermoderna. Não se cala diante da transformação pela qual passa a pessoa humana, inserida e mergulhada no sistema capitalista, que é municiado pelo lucro a qualquer custo.

Na sociedade de consumidores denunciada por Bauman, a felicidade não é mais pelo bem coletivo, pela realização de emancipação do ser humano, pela capacidade de agir com coerência e ética diante dos fatos e acontecimentos, pelo nascimento e pela presença do ser humano no seio familiar, pela beleza da arte, da poesia e do amor.

A felicidade, a satisfação e o bem-estar oferecidos na sociedade de consumidores, onde a mercadoria ganha relevância e torna-se fetiche se fundamenta pela ideia da realização pessoal, da conquista do ter, pela sensação de poder escolher e adquirir, como um mérito singular, como também pelo poder da mente.

O consumo excessivo aprendem eles, é sinal de sucesso, uma auto-estrada que conduz ao aplauso público e à fama. Eles também aprendem que possuir e consumir certos objetos e praticar determinados estilos de vida são a condição necessária para a felicidade (BAUMAN, 2008, p. 165).

Bauman (2008) critica veementemente à sociedade atual; na sua interpretação e análise, o caminho que essa leva é verdadeiramente para transformar o ser humano em mercadoria, “coisas”. No seu entendimento, a sociedade de consumidores reduz a identidade e a subjetividade, no processo cultural e na forma de relacionamento entre os seres vivos, este, ainda argumenta: “A sociedade de consumidores, em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita as opções culturais alternativas” (BAUMAN, 2008, p. 70).

Afirma que ser consumista, na sociedade conhecida como hipermoderna, é o desejo dos protagonistas do capitalismo, do mundo do negócio, da produção, da propaganda, do marketing; não há como ficar de fora desse propósito, pois sua disponibilidade para gerar todo ser humano como prósperos consumidores, iniciam-se na infância, o monitoramento começa logo cedo para que estes sejam bastante frequentadores de grandes centros de compras, como os dos Shopping Center.

Profundamente distinta da sociedade de produtores/soldados, a sociedade de consumidores concentra seu treinamento, assim como as pressões coercitivas exercidas sobre seus membros desde a infância e ao longo de suas vidas, na administração do espírito (BAUMAN, 2008, p. 72).

Os escritos desse sociólogo sobre a sociedade de consumidores faz uma diferenciação entre o ato de consumir e a prática do consumismo. “O fenômeno do consumo tem raízes tão antigas quanto os seres vivos, e com toda a certeza é parte permanente e integral de todas as formas de vida conhecidas a partir de narrativas históricas e relatos etnográficos” (BAUMAN, 2008, p. 37).

Consumir faz parte da vida, principalmente o consumo necessário e condicionado a nossa existência, como lazer, digerir, habitar, alimenta-se, boa saúde, pesquisa, estudo, diversão, mas a atitude consumista é um comportamento alimentado e energizado com intenções de alienar o ser humano e, nesse, confundir quem é sujeito e quem é objeto, que é a mercadoria, que é o consumidor. O consumismo provoca destruição e deixa o ser humano sem uma identidade, sua ação não é determinada de forma racional e objetiva.

A prática do consumismo ganha força a partir da existência corporal do humano que tem desejos, anseios, vontade. Tais características impulsionam a ação rotineira do ser humano para o consumo irresponsável e causador de males contra si, o próximo e o local onde vive; por isso, faze-se necessário uma educação que tenha o foco na conscientização, na formação do sujeito capaz de cuidar do ambiente, buscando a sustentabilidade do mesmo.

Desse entendimento sobre a presença da sociedade de consumidores, onde o sujeito vira mercadoria, e a subjetividade é substituída pelo objeto, transformando as pessoas em coisas, produtos, dinheiro, fetiche é que deve ser o objetivo para investigação para que se venha a repensar qual o melhor caminho a ser seguido diante da fragilidade da vida humana. As indagações sociológicas de Bauman precisam ser levadas de forma sistematizada para os espaços públicos e discutidas abertamente sobre a forma de existir na sociedade de consumidores, sobre o estilo de consumo, sobre a responsabilidade e a ética quando na aquisição de bens ou produtos, quando a vida interconectada com as outras está ameaçada.

O consumo excessivo aprendem eles, é sinal de sucesso, uma auto-estrada que conduz ao aplauso público e à fama. Eles também aprendem que possuir e consumir certos objetos e praticar determinados estilos de vida são a condição necessária para a felicidade (BAUMAN, 2008, p. 165).

Vale ressaltar que é inadiável a presença desse debate nos espaços de formação humana, onde se atinge um número significativo de pessoas. O que se pode destacar é que é urgente popularizar esse pensador que pode sim contribuir com o desmanche de um modelo que, no momento, é hegemônico, mas não é absoluto, é superior, mas não quando se o rejeita, é encantador, mas que pode ser desmascarado.

3.6 Consumismo como objeto da crítica

Realizar crítica ao consumismo não é desperdício de tempo e palavras, não é algo incabível, não representa insensatez de quem resolver agir considerando os elementos da sociologia, da filosofia, da antropologia e da psicologia, pois diferente do ato de consumir, o consumismo assume uma papel depredador da questão ambiental. “A crítica constitui um processo atingido pela reflexão e cujo ponto de partida é a pergunta “ (GHEDIN, 2009, p. 62).

Nesse sentido, substantivar a crítica é exercitar a pergunta, é questionar a validade e a presença de determinado comportamento, é suspeitar e pôr em evidência a incerteza. No exercício da crítica, é possível encontrar respostas satisfatórias para um problema que causa impacto na vida das pessoas e modifica comportamento, que, sendo reconhecido como irresponsável, não pode ser contínuo. “O que é? Por que é? Como é? Essas são as indagações fundamentais da atitude filosófica” (CHAUI, 1997, p. 12).

Por isso é que o ato de consumir sem considerar os impactos do meio ambiente, as conflituosas relações dos seres vivos, a sustentabilidade ameaçada do planeta, precisa ser motivo de crítica, deve ser conduzido pelos questionamentos apropriados e fundamentados pelo conhecimento das mais diversas áreas. Aqui, vale dizer que é indispensável fazer perguntas tipo: A quem interessa a prática do consumismo? Consumir deve ser com responsabilidade? O que muda quando o ato de consumir é responsável?

Fazer perguntas é um exercício que pode se tornar natural, pois essa prática se mobiliza a partir da curiosidade, e ser curioso caracteriza o ser humano. Para Freire (1996, p. 85): “Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade”. Assim, fazer perguntas e tornar-se inquieto diante de uma situação, ficar indignado com determinado fato, problematizar, são reações que qualificam a existência do ser no tempo e no espaço.

A partir da ideia filosófica, é que a exercício do consumo irresponsável ou sem estancamento, cujo resultado é impactante no meio ambiente, deve ser questionado no sentido de possibilitar com que os envolvidos e praticantes possam escolher e decidir em relação ao ato de consumir sem responsabilidade. O que deve ser evidenciado é que a forma de usar os bens e produtos no contexto atual não pode ser com a intencionalidade de sacrificar as gerações futuras, de inviabilizar a qualidade de vida.

A crítica deve ser feita com toda a justificativa da ciência e da filosofia. Para Freire (1996, p. 31): “Ao criticizar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade

epistemológica, metodicamente ‘rigorizando-se’ na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão”. Então, não se pode avançar sem considerar a crítica - ferramenta importante no processo de construção e desconstrução de conceitos, de formação de concepção, de aglutinação de ideias, de orientação e formulação de práticas.

Usar a ferramenta da crítica para aprofundar o consumo sem responsabilidade, no momento atual, é expressar uma posição política que vai de encontro ao sistema capitalista e globalizante que, em nome do desenvolvimento e do progresso, financia a exploração dos recursos naturais renováveis não renováveis.

Fazer uso da crítica é demonstrar insatisfação com o que está estabelecido, negando-se a aceitar o que se propõe, segundo Ghedin (2009, p. 58): “A crítica é um meio que faculta ler a realidade com o crivo do julgamento e juízos valorativos”. Nesta direção, promove posições que podem substituir de forma valorativa tais elementos criticados.

A verdade é que o ser é coisificado, transformado em mercadoria, permitindo que todos sintam os efeitos causados por práticas irresponsáveis e sem compromisso com a sustentabilidade. Assim, é primordial que o ser homem e o ser mulher façam-se presentes instrumentalizados com o uso da crítica, cuja finalidade seja de expressar no ato de julgar e avaliar o modelo validado pela sociedade de consumidores.

Não pode o sujeito fazer-se presente no mundo, inserido na comunidade, vivendo em sociedade sem o uso da crítica sistematizada e como instrumento capaz de promover as mudanças, pois sua participação não pode ser a de mero espectador, de coadjuvante desse modelo, que é devastador e predatório.

Por conta desse contexto, faz-se necessária uma visão crítica que procure ler e interpretar o sentido e o significado da concepção de mundo predominante em nossa sociedade para encontrar e erigir caminhos de possibilidades na construção de um sujeito cidadão e autônomo (GHEDIN. 2009, p. 61).

Assim, é que se faz necessário intervir de forma sistemática e pedagógica com criticidade, no que se refere ao consumo desenfreado e sem limites, aumentando a responsabilidade de homens e mulheres que vivem em organizações, trabalham diariamente e que fazem gestão do conhecimento. “A sustentabilidade que defendemos refere-se ao próprio sentido do que somos, de onde viemos e para onde vamos, como seres humanos” (GADOTTI, 2008, p. 46).

As causas que podem interromper um processo devastador e causador do desequilíbrio são o saber, o conhecimento, a aprendizagem, a reflexão, a crítica, as estratégias, os planos elaborados de forma coletiva, a utilização das tecnologias, a inovação, visto que, na

elaboração e construção do pensamento crítico, advém a esperança de uma nova prática, uma nova postura mediante o contexto que conduz a vida às margens e enumera o objeto como primordial no processo de estabelecimento das relações.

Diante do contexto, permanece o desafio de pensar, problematizar, pesquisar, indagar, questionar, criticar e fazer ciência na perspectiva de encontrar uma fundamentação teórica e metodológica na intencionalidade de oferecer um novo paradigma para a prática do consumo, que seja possível consumir sem explorar, poluir, coisificar a vida, encurtar a felicidade, inibir os sonhos coletivos e sem camuflar a satisfação pela existência.

3.7 Gadotti, a Pedagogia da Terra e a ecopedagogia.

Na busca de compreender melhor a educação, que fomente a responsabilidade do sujeito no ato de consumir e que seja promotora de uma consciência elucidativa em relação ao meio ambiente e a sua sustentabilidade, Gadotti passa a ser uma referência fundamental ao abordar sobre a educação para a sustentabilidade.

Brasileiro, atualmente é professor da universidade de São Paulo, Diretor do Instituto Paulo Freire e autor de várias obras entre elas: *Pedagogia da Terra* (2000a), *Perspectiva Atuais da Educação* (2000b), *Educação para a Sustentabilidade* (2008).

Esse autor é o defensor da Pedagogia da Terra, ou seja, da ecopedagogia, onde propõe uma nova educação que se fundamente na sustentabilidade e no desenvolvimento humano.

O desejo de Gadotti é colocar a educação a serviço de uma causa nobre, colocar os princípios da prática educativa em consonância com a cidadania planetária e não apenas numa atuação delimitada. Como afirmou “ Não se pode falar em cidadania planetária ou global sem uma efetiva cidadania na esfera local e nacional” (GADOTTI, 2000b, p. 79).

Para ele, é preciso avançar numa consciência que considere como fundamental o envolvimento de todos e todas no processo de cuidado e preservação do meio ambiente, como se expressou sobre a questão da corresponsabilidade de cada um frente aos problemas de desmatamento: “A derrubada da floresta amazônica não é apenas um fato local, é um atentado contra a cidadania planetária” (GADOTTI, 2000b, p.75).

Nas abordagens sobre a viabilidade de uma educação que evidencie a formação para a cidadania planetária, a concepção de mundo sobre o cidadão global e o compromisso ético-político social com o planeta Terra, exige que seja trabalhada de forma pedagógica, a partir da vida cotidiana, a partir das necessidades e interesses das pessoas (GADOTTI, 2000b, p.79).

Na afirmação “Se sou cidadão do mundo, não podem existir para mim fronteiras” (GADOTTI, 2000b, p. 75), justifica sua ânsia em querer desenvolver uma educação, que não trabalhe, na perspectiva formadora, com o ser humano apenas para resolver problemas locais, particulares, no universo estreito e unilateral. A formação do sujeito, inserido dentro de uma realidade educativa, precisa ser conduzida para adquirir uma responsabilidade do todo, que esteja interagido com os diversos problemas, não só da localidade, mas também com de sua extensão e reafirma, com muita propriedade, seu pensamento: (GADOTTI, 2000b, p. 79): “ A cidadania planetária é , por essência, uma cidadania integral; portanto, uma cidadania ativa e plena não apenas nos direitos sociais, políticos, culturais e institucionais, mas, também, econômico-financeiros”.

Gadotti, com o compromisso político de fazer acontecer, a partir da escola e dos espaços educativos, seja a nível básico ou superior, considerando seus instrumentos que são inerentes como tecnológicos, a pedagogia, a ciência uma consciência ecológica, uma prática que respeite o meio ambiente , uma educação que seja para a sustentabilidade desenvolve a ecopedagogia como ponto fundamental para referenciar as práticas educativas e sustentáveis.

Precisamos de uma ecopedagogia e uma ecoformação hoje, precisamos de uma Pedagogia da Terra, justamente porque sem essa pedagogia para a re-educação do homem/mulher, principalmente do homem ocidental, prisioneiro de uma cultura cristã predatória, não poderemos mais falar da terra como um lar, como uma toca, para o “bicho-homem” (GADOTTI, 2008, p. 63).

Em seu livro Pedagogia da Terra, Gadotti (2000a) se expressa com muita segurança sobre a necessidade de outra educação, que tenha como paradigma o planeta, a terra, a sustentabilidade. O tempo todo fala de uma educação do futuro, uma educação sustentável, uma sociedade sustentável, uma educação planetária, uma cidadania planetária e não deixa de fora a abordagem sobre a civilização planetária; são argumentos fortes e consistentes com o objetivo de sensibilizar os que fazem educação e estão no cotidiano com as pessoas. Repete constantemente que a causa por uma cidadania planetária, uma educação sustentável não é de responsabilidade de um país, uma nação, uma região , uma comunidade, mas, necessariamente, de todos os habitantes do planeta.

A nossa Pedagogia da Terra, como o canto do poeta, não pertencem àqueles e àquelas que a escreveram, mas àqueles e àquelas que delas necessitam, em sua luta cotidiana por uma escola melhor, por um mundo melhor. Desejamos que seja uma pedagogia cheia de esperança, onde afloram os valores humanos fundamentais: a amizade, o respeito, a honestidade, a admiração, a ternura, a emoção, a solidariedade, a aproximação entre o simples e o

complexo, a atenção, a leveza, o carinho, o desejo e o amor (GADOTTI, 2000a, p. 20).

A partir da citação do autor, fica evidente o desejo de uma educação que contemple via sustentável e integrada todas as dimensões do ser humano. O sentido verdadeiro é promover uma educação que tenha como fundamento o cidadão planetário, não só do ponto de vista da territorialidade, mas, essencialmente, de uma que contemple as competências necessárias para uma vivência equilibrada e justa entre si e os outros seres, mergulhados no movimento da ecopedagogia que busca o global.

Este novo sujeito, que deve ser formado e orientado pela nova educação, concebido por Gadotti não, necessariamente, fica vinculado a um pensamento dogmático e estático, mas aberto às mudanças e comprometidos com as transformações, viabilizando a sustentabilidade no cotidiano, seja no trabalho, nas relações sociais, na produção e reprodução de bens sem , evidentemente, explorar o planeta e seus recursos naturais.

Na intenção de reafirmar a presença da ecopedagogia como elemento indispensável no exercício da cidadania, sendo, portanto, uma ferramenta que fornece as condições teóricas e políticas em defesa de práticas sustentáveis, o autor justifica sua necessidade a partir de duas dimensões: a primeira é a ecopedagogia como abordagem pedagógica, que semelhante à ecologia pode ser entendida como movimento social e político. Para Gadotti (2000a), a ecopedagogia como movimento social e político surge no seio da sociedade civil, nas organizações, tanto de educadores quanto de ecologistas, trabalhadores e empresários preocupados com o meio ambiente.

Já na segunda dimensão, a ecopedagogia pode ser como abordagem curricular. Aqui, essa orientação é muita voltada para dentro das instituições de ensino. A ideia do autor é que nessa abordagem, a ecopedagogia possa reorientar, reestruturar, mudar os princípios e fundamentos das propostas curriculares.

A intenção do autor é que os livros didáticos e os demais instrumentos presentes e que formulam os conteúdos dados e trabalhados no universo de cada sala, de cada curso, de cada plano contemplem a nova proposta educativa. Gadotti (2000a, p. 236), argumenta “A Ecopedagogia implica uma reorientação dos currículos para que incorpore certos princípios defendidos por ela”. Nessa linha de pensamento e dando sequência ao tema sobre a ecopedagogia na dimensão curricular, Gadotti (2000a, p. 236), reafirma que: “Esses princípios deveriam, por exemplo, nortear a concepção dos conteúdos e a elaboração dos livros didáticos”.

Diante da exposição dos argumentos transcritos nas obras deste educador e filósofo da educação, pode-se afirmar que sua preocupação é encontrar uma identidade para as organizações educativas e que as mesmas estejam comprometidas juntamente com seus educadores com a educação que insere o ser humano dentro do contexto, da realidade, do mundo, da experiência, que precisa de um humano capaz de conviver e viver no mais pleno equilíbrio entre homem/mulher e natureza.

Para Gadotti, não há mais tempo para dúvidas, incertezas, incompreensões, omissões, indiferenças e preconceitos quando a questão é sustentabilidade, quando o debate é conduzido pela prática do consumo sem responsabilidade, quando o princípio norteador é a relação harmoniosa entre o ser humano e a natureza.

Cuidar do planeta, defender uma educação para saber consumir, viabilizar elementos para a garantia dos direitos fundamentais para uma boa convivência como: o amor, a solidariedade e a generosidade é, de fato, assumir o compromisso por um mundo novo.

No livro “Educar para a sustentabilidade” (GADOTTI, 2008), no capítulo que relata sobre a sustentabilidade e bem viver; o autor faz questão de apresentar alguns dados do relatório da ONU, que mostrou que a taxa de aumento da emissão de gás-estufa está no setor de energia, que cresceu 145% nos últimos 15 anos, o setor de transporte cresceu 120%, o setor industrial cresceu 65% e o setor florestal, por meio do desmatamento e das queimadas, que cresceu 40%.

A partir desses números, o autor faz um apelo a todos os habitantes no sentido de considerar a importância de saber consumir com responsabilidade e de forma sustentável, com a intencionalidade de fazer um lugar para viver melhor.

Em princípio, todos podemos contribuir para reduzir a emissão de gases-estufa, mudando nosso estilo de vida, utilizando menos energias (desligar a luz, colocar o ar condicionado não tão frio...) usando transportes coletivo, deslocando-se mais à pé, trabalhando mais em casa (pela internet) etc. (GADOTTI, 2008, p. 45).

Ainda, sobre o estilo de vida na contemporaneidade, onde a prática do consumo é desenfreada, sem limites e sem considerar os males provocados ao meio ambiente como poluição, queimadas, desmatamento, o autor desabafa (GADOTTI, 2008, p.44): “Precisamos olhar para dentro de nós mesmos e para nossos padrões de consumo insustentáveis”.

O ensinamento do educador e professor não pode passar despercebido pela organização aprendente educativa e seus educadores sob o risco de, no futuro, ser criticada, condenada pela passividade e omissão em relação ao ato de educar para consumir. Por não ter

um propósito, uma abordagem que se fundamente filosoficamente, assim como, os elementos pedagógicos que justifiquem os perigos e os fins sobre o consumo sem responsabilidade.

Educar sem criar condições de pertencimento que deve ter o ser humano em relação ao mundo em que vive, de fato, traz consequências seríssimas, tendo em vista que, ao nascermos estamos ligados a algo maior, como diz o pensador na introdução do capítulo sobre educar para uma vida sustentável (GADOTTI, 2008, p. 61) “Desde a infância nos sentimos profundamente ligados ao universo e nos colocamos diante dele no misto de espanto e respeito”.

O debate sobre a necessidade de praticar a ecopedagogia, de adotá-la, seja na perspectiva de movimento, seja na abordagem curricular está lançada para toda a comunidade. O esforço do educador Moacir Gadotti deve ser reconhecido pela história da pedagogia brasileira. Suas produções e o tempo dedicado ao tema, com certeza, farão a diferença na luta pela educação sustentável, que condena o consumo sem responsabilidade e sem medir as consequência que causa ao planeta Terra.

Suas indagações sobre a presença da ecopedagogia que busca um equilíbrio fraterno e respeitoso entre o ser humano e a natureza serão pertinentes para fomentar pesquisas e demais trabalhos científicos que buscam respostas sobre a prática humana que causa destruição, poluição, desmatamento e queimadas, prejudicando o planeta.

No intuito de demarcar a Pedagogia da Terra, o espaço da ecopedagogia, Gadotti não se omite em criticar a pedagogia conteudista e burocrática existente nas escolas e no fazer das pessoas, como diz:

A Pedagogia conteudista e burocrática movimenta-se da oferta para a demanda: da proclamação iluminista para a ação sobre as pessoas. A ecopedagogia movimenta-se da demanda para a oferta. Primeiro se vive, se experimenta, se elabora e depois se dá o nome e se proclama (GADOTTI, 2000a, p. 239).

Conhecendo cada vez mais sobre a importância da ecopedagogia, enquanto referencial teórico e científico, Gadotti (2000a, p. 238), aponta que: “A ecopedagogia insere-se também num movimento recente de renovação educacional, que inclui a transdisciplinaridade e o holísmo” e vem para oferecer às escolas um novo momento. Repleto de esperança, de vida e de amor ao planeta Terra e seus habitantes, onde a questão do consumo, do meio ambiente, da sustentabilidade, da planetariedade, do cuidado e preservação ganham notoriedades através dos elementos metodológicos e didáticos do processo educacional.

3.8 Bauman, Gadotti e a Educação.

Na intenção de justificar a importância de valores como: o amor, o cuidado, a amizade, o respeito, a cultura da paz, a honestidade e a solidariedade, essenciais para que homens e mulheres tenham condições de escolher, opinar, decidir e aprender a conviver fraternalmente com o semelhante e os outros seres, é que deve ser colocado ao alcance das pessoas o encontro entre Bauman, Gadotti e a Educação; Bauman, um pensador polonês, autor de várias obras como já foi citado anteriormente neste trabalho. Gadotti, brasileiro e atualmente diretor do Instituto Paulo Freire, também lembrado aqui em várias linhas expostas sobre a importância de uma educação que cultive os princípios da Pedagogia da Terra e da ecopedagogia.

Ambos comprometidos com uma literatura libertadora, esclarecedora e transformadora do papel, que deve ter a educação frente à formação das pessoas. O sociólogo Bauman (1925), crítico do modelo atual, denomina a sociedade contemporânea de líquida, efêmera e passageira. Para ele, nesta sociedade de consumidores, o que era construído no paradigma da solidez, da continuidade, da durabilidade se transformou em mera passagem temporária, em liquidez, como afirma quando aborda os elementos da conduta nos tempos da modernidade líquida (BAUMAN, 2004, p. 322): “A nossa era, portanto, que se caracteriza não tanto por quebrar as rotinas, e subverter as tradições, mas por evitar que padrões de conduta se congelem em rotinas e tradições”.

O caminho que percorre o pensamento de Bauman é na direção de identificar o quanto a modernidade desfaz e degenera os valores que, anteriormente, eram tidos como fundamentais e essenciais para uma boa convivência como: o respeito à vida, o amor ao próximo, a solidariedade e a generosidade. Tais valores são substituídos ou vistos como necessidades efêmeras ou como bens de consumo que usa e depois descarta. Em seu livro, *Amor Líquido* (BAUMAN, 2004), possibilita o entendimento sobre a fragilidade do relacionamento humano, onde o que existe é idealizado pelo mercado de consumidores que *a priori* oferece com sentido verdadeiro, mas que, na prática, provoca a ilusão, o engano, como afirmou:

A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir “experiência amorosa”, à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultado sem esforço (BAUMAN, 2004, p. 12).

Seguindo sempre na perspectiva de denunciar a sociedade da liquidez, que vive no domínio e do comando do mercado, do consumo, do prazer momentâneo e efêmero, que transforma tudo em mercadoria e nessa se encontra o próprio sujeito, ou seja, o ser humano sofrendo com a desenvoltura dessa sociedade, que leva no cerne o que é descartável, que transmite momentaneamente uma sensação de possuir, de felicidade.

Em sua abordagem, não demora muito para qualificar o que significa a modernidade líquida, o amor líquido, uma vida líquida e, assim, também é o conhecimento líquido. Bauman (2007, p.154), com eloquência, dá ênfase a vitalidade do conhecimento na era da sociedade, que se firma pelo tempo da liquidez: “todas as informações que recebem envelhecem rapidamente e, se não forem prontamente descartadas, podem desorientar em vez de fornecer uma orientação confiável”.

Bauman (2008) não deixa de abordar de forma racional e estruturante com argumentos perspicazes sobre o papel da educação e sua contribuição frente a essa forma de viver e conviver dos seres, onde prevalece a negação do sujeito, da identidade, da natureza em detrimento do prazer momentâneo, da descaracterização do amor, da vida, dos sonhos dos relacionamentos em que a sociedade de consumidores domina os novos hábitos, como denuncia (BAUMAN, 2008, p. 124): “A vida de consumo não pode ser outra coisa senão uma vida de aprendizado rápido, mas também precisa ser uma vida de esquecimento veloz”.

Para a convivência com a sociedade líquida onde tudo é passageiro, temporário o autor propõe uma educação para toda a vida, uma formação continuada e sempre, como sintetiza de forma clara sobre o assunto (BAUMAN, 2004, p. 155): “Mais precisamente, no ambiente líquido-moderno a educação e aprendizagem, para terem alguma utilidade, devem ser contínuas e realmente por toda a vida”.

A afirmação de Bauman dá a educação um lugar privilegiado e de destaque, pois, neste contexto de fluidez e efemeridade, precisa-se mais do que nunca orientar o ser humano para o entendimento que justifica bravamente de que é salutar adquirir conhecimento ao longo da vida e sempre, como afirma sobre o papel preponderante do ato de educar e seus fins (BAUMAN, 2004, p. 167): “Precisamos de uma educação ao longo da vida para termos escolha. Mas precisamente dela ainda mais para preservar as condições, que tornam essa escolha possível e a colocam ao nosso alcance”.

No ordenamento de Bauman, quando diz “teremos escolha”, pode ser interpretada como sendo uma defesa por uma educação que permita formar para a cidadania, onde o sujeito é capaz de tomar decisões e de assumir sua própria história dentro do ambiente no qual vive e convive. Formar para fazer escolhas é formar para ter a capacidade de rejeitar qualquer

modelo que permita o autoritarismo, a imposição, o rebaixamento dos seres e, principalmente, da negação do sujeito.

O pensamento exposto pelo polonês exige que se valorize a educação e que disponibilize uma proposta que ajude o sujeito a ser esclarecido, politizado e que tenha vontade de assumir positivamente, sendo, portanto, capaz de fazer crítica e de, ao mesmo tempo, rejeitar ao modelo que faz tudo de mercadoria, que faz um ponto de venda e troca, onde o que interessa é o consumo, como diz (BAUMAN, 2004, p. 166) “ A ignorância produz a paralisia da vontade. A pessoa não sabe o que lhe está reservado nem tem como avaliar os riscos”.

Nesse sentido, é pertinente dizer aqui que, de acordo com Bauman, a educação presente numa referida sociedade deve ser no sentido de libertar o ser humano da ignorância, da apatia, da cegueira, criando condições para saber escolher.

Não muito distante de Bauman e com a sensatez de quem conhece com profundidade o verdadeiro papel da educação, tendo em vista, o seu vasto currículo abordando sobre educação, cidadania, sustentabilidade, pedagogia , encontra-se o educador Moacir Gadotti que, atualmente, além de ser professor na universidade do Estado de São Paulo, é o diretor do Instituto Paulo Freire.

No livro *Escola Cidadã*, Gadotti (2010a) inicia fazendo um questionamento que vincula a escola com a educação; em ambas, aborda sobre a autonomia necessária (GADOTTI, 2010a, p. 13) e pergunta ele: “Por que discutir a autonomia da escola? E responde: Porque discutir a autonomia da escola é discutir a própria natureza da educação”.

Para Gadotti não existe escola sem educação, e caso se pense em definir um projeto para as escolas teria que definir também para a educação, pois, naturalmente, querer uma escola cidadã é exigir uma educação para cidadania.

Nas paginas seguintes, esse mesmo autor faz outra pergunta que facilita muito a compreensão sobre a defesa de uma educação pela e para a cidadania (GADOTTI, 2010b, p. 68): “ O que é educar para a cidadania?” O mesmo responde, dizendo que, para essa indagação, é preciso responder outra, o que é cidadania? Na resolução do problema, Gadotti faz uma exposição bem filosófica onde evidencia porque gostaria tanto de ver dentro das escolas uma educação para e pela cidadania, como relata (GADOTTI, 2010b, p. 68):

Pode-se dizer que cidadania é essencialmente consciência de direitos e deveres e exercício da democracia: direitos civis, como segurança e locomoção;diretos sociais, como trabalho, salário justo, saúde, educação, habitação, etc.; direitos políticos , como liberdade de expressão, de voto, de participação em partidos políticos e sindicatos, etc.

Para o autor, “ Não há cidadania sem democracia” (GADOTTI, 2010b, p. 68). A partir dessa afirmação é que se pode entender o desejo do autor pela existência de uma educação que fortaleça tanto uma cidadania plena. Posteriormente, o autor volta a ampliar o debate sobre a educação para a cidadania quando diz: (GADOTTI, 2010b, p. 70) “ A educação para e pela cidadania, como movimento da própria sociedade, é mais amplo do que o ensino e a própria escola”.

A formulação da educação para e pela cidadania persegue o tempo todo na militância desse autor, como afirma em outra oportunidade (GADOTTI, 2000a, p. 38): ” A cidadania e a autonomia são, hoje, duas categorias estratégicas de construção de uma sociedade melhor em torno das quais há frequentemente consenso”.

Gadotti insiste em afirmar que educar para a sustentabilidade é preponderante na formação do sujeito, visto que é a partir de uma concepção emancipadora e fundamentada pela ética que haverá mudanças significativas na forma de relacionamento entre ser e natureza, em que educar para sustentabilidade deve ser o caminho de todas as sociedades e diz (GADOTTI, 2011, p. 73): “ a sustentabilidade tornou-se um tema gerador preponderante neste início de milênio para pensar não somente o planeta, mas também a educação”.

Com a mesma convicção quando trata da presença de uma educação para a sustentabilidade na formação de crianças, jovens e adultos, afirma: (GADOTTI, 2011, p. 80) “A educação para o desenvolvimento sustentável, apesar de sua ambiguidade, é uma visão positiva do futuro da humanidade, um consenso apoiado por uma grande maioria”.

O autor do Pedagogia da Terra (GADOTTI, 2000b), do Educar para Sustentabilidade (GADOTTI, 2008), livros que reafirmam o compromisso com a questão de uma educação para e pela cidadania, assim como para a formação de um consciência, que protagonize uma boa relação entre humanos e natureza, questiona o atual sistema educacional que para ele pode ser mudado e propõe uma reformulação visando a outra cultura (GADOTTI, 2001, p. 81):

Estou convencido de que a sustentabilidade é um conceito poderoso, uma oportunidade para que a educação renove seus velhos sistemas, fundados em princípios e valores competitivos, e introduza uma cultura da sustentabilidade e da paz nas comunidades escolares, a fim de serem mais cooperativas e menos competitivas.

Diante do pensamento de Gadotti que faz uma defesa exuberante sobre os fins da educação e o papel da sociedade, concebe-se melhor o quanto o ato de educar e o processo de formação tem relevância para qualquer sociedade. Gadotti, não se exime de ampliar a defesa

por uma cidadania planetária e define (GADOTTI, 2000a, p. 75) “Não há lugar estrangeiro para terráqueos na Terra” e diz (GADOTTI, 2011, p. 59): “A educação é necessária para a sobrevivência do ser humano”.

O foco de Gadotti nesta nova concepção por uma cidadania planetária, que deve conduzir todo o projeto educacional, tem a finalidade de unificar a luta pela democracia como um bem universal. O ponto de convergência é a busca pela natureza da educação em todo território, que seja capaz de educar o ser humano para uma prática sustentável onde viva e conviva de forma pacífica e harmoniosa sem dominação e exploração entre o ser humano e o meio ambiente.

A noção de cidadania planetária (mundial) sustenta-se na visão unificadora do planeta e de uma sociedade mundial. Ela se manifesta em diferentes expressões: nossa humanidade comum, unidade na diversidade, nosso futuro comum, nossa pátria comum (GADOTTI, 200a, p. 76).

Em Gadotti (2000a), a cidadania planetária deverá ter como foco a superação da desigualdade, a eliminação das sangrentas diferenças econômicas e a integração da diversidade cultural. Nesse caso, uma educação para e pela cidadania ganha em seu entorno um conjunto de competências que devem ser desenvolvidas no decorrer da história, pois, assim, é o papel da educação, que vai se firmando como essencialmente fundamental no processo de emancipação e identidade de uma sociedade, que precisa de pessoas com condições de decidirem e tomarem posicionamento no que se refere à forma de viver e cuidar que são inerentes à existência e que ajudaram no relacionamento entre homem/mulher e a natureza, como afirma (GADOTTI, 2000a, p. 80), “A educação para a cidadania planetária deveria nos levar à construção de uma cultura da sustentabilidade, isto é, uma biocultura, uma cultura da vida, da vivência harmoniosa entre os seres humanos e entre estes e a natureza (equilíbrio dinâmico)”.

Nesse espaço, que abre a reflexão sobre as abordagens dos filósofos Bauman e Gadotti em torno de qual deve ser o sentido verdadeiro da educação, do ato de educar e de sua contribuição na formação de uma consciência e conscientização sobre os problemas que se manifestam na sociedade moderna ou hipermoderna, como: sociedade de consumidores, desmatamento, queimadas, poluição, alienação, perda de identidade e da subjetividade, desigualdade econômicas e muitas outras situações que provam o quanto existe de desequilíbrio entre ser humano e natureza, fica evidente que ambos têm muito o que ensinar e dizer.

O contexto catastrófico e precursor de uma desesperança deixa evidente que é preciso fortalecer a Educação ao longo da vida e permanente em Bauman (1925), a Educação para e pela cidadania em Gadotti (2000a) Tais pensadores devem ser apreciados e requisitados para melhor compreender e contribuir com a concepção e elaboração das práticas educativas que considerem como ponto de partida a ética e seus fundamentos para educar o ser humano, numa dinâmica que não negue sua história, sua autoria e nem tampouco sua participação no processo de construção e compreensão do seu habitar.

4. MÉTODO DE PESQUISA

4.1 Sujeitos da pesquisa

Na perspectiva de investigar o objeto de estudo aqui proposto e que problematiza a educação para o consumo como instrumento de sustentabilidade entre o ser humano e o meio ambiente da organização aprendente educativa, o estudo foi delineado por meio de uma pesquisa-ação, visto que a mesma “consiste em resolver ou pelo menos esclarecer os problemas da situação observada” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 66).

Existe, com essa técnica, uma aproximação entre os sujeitos presentes no campo de pesquisa, de forma que possibilita a compreensão de tais fenômenos manifestados na relação entre os seres humanos, a natureza e cultura. Possibilitando, ao pesquisador desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. Ela é entendida como um tipo de

[...] pesquisa social com base empírica que é concebida com estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1998 apud PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 65).

A pesquisa-ação permite compreender o objeto de estudo de forma horizontal e contextualizada, possibilitando chegar mais próximo da veracidade dos fatos. Os instrumentos da pesquisa-ação permitem, ainda, que o pesquisador possa vislumbrar situações bem próximas dos indivíduos envolvidos numa determinada situação, o que facilita a formulação das concepções e análises, pois tais sujeitos são responsáveis pela formação de práticas e ações que, concomitantemente, são responsáveis pelo desenvolvimento das relações estabelecidas entre seres humanos, cultura e natureza.

A investigação levou em conta dados que teve como campo de estudo, a organização aprendente educativa Escola Estadual Moysés Barbosa, localizada na cidade de Petrolina no Estado de Pernambuco onde estudam aproximadamente 950 estudantes divididos em três turnos: manhã das 7h30m até as 12h; tarde das 13h até as 17h30m e noite das 18h40m até as 22h, oferecendo os níveis Ensino Fundamental dos anos Finais e Ensino Médio, além da modalidade de Educação de Jovens e Adultos Fundamental e um total de 42 educadores e 30 colaboradores, entendendo-se por colaboradores os funcionários da escola.

Os sujeitos da pesquisa foram os estudantes do Ensino Fundamental, Médio e educadores, escolhidos por meio de amostragem por conveniência, conforme apresentado no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - Demonstrativos da população

Descrição	População
Estudantes do Ens. Fundamental	550
Estudantes do Ens. Médio	400
Educadores	42

Fonte: Elaboração do autor da pesquisa.

a) Estudantes participantes da pesquisa

Os estudantes participantes da pesquisa apresentam idades diferenciadas, cursando Ensino Fundamental ou Médio.

O Quadro 2, revela que há a presença de estudantes do ensino fundamental anos finais e ensino médio com distorção na idade e ano de estudo.

Quadro 2 - Idade dos estudantes

Descrição	Idade dos estudantes	Tempo de estudo na escola
Ensino Fundamental	Entre 11 e 16 anos	Entre 1 a 5 anos
Ensino Médio	Entre 17 a 29 anos	Entre 1 a 5 anos

Fonte: Elaboração do autor da pesquisa.

Todos os estudantes sempre estudaram na escola pública. Sendo 100% dos estudantes filhos e filhas de trabalhadores e de pequenos comerciantes; menos de 20% deles residem no próprio bairro; o restante é de bairros vizinhos.

Destes estudantes, 13% usam transporte coletivo para o deslocamento até a escola, cerca de 5% utilizam bicicleta com meio de transportes, somente 2% se deslocam em veículo particular e 80% deslocam-se a pé para a unidade de ensino.

Na população de 50 estudantes, sendo 25 do estudantes do Ensino Fundamental e 25 Estudantes do Ensino Médio - 60% dizem assistir TV nas horas vagas, 20% gostam de passear, 27% dormir e apenas 3% disseram gostar de ler um bom livro, nenhum respondeu gostar de ir ao teatro ou assistir a um bom filme.

b) Educadores participantes da pesquisa

Todos os participantes da pesquisa são membros ativos da organização aprendente. Com relação aos 42 educadores pesquisados, identificou-se que estão na qualidade de servidores públicos licenciados e apresentam pós-graduação. Sendo 41 com pós-graduação *lato sensu*, 01 com pós-graduação *stricto sensu* e não há doutores. Com relação ao vínculo empregatício, 12 são contratos temporários e 30 efetivados. Deste total de pesquisados, 33 são do sexo feminino e 09 do sexo masculino, com idade entre 25 e 58 anos.

Para o deslocamento até a unidade de ensino, 90% dos educadores pesquisados, utilizam veículo particular e reside na própria cidade. Com relação à localização geográfica da residência, 30% das moradias ficam no bairro onde a escola está inserida. Do total de educadores pesquisados, 95% desses convivem com familiares.

Na distribuição de carga horária dos educadores pesquisados, 01 atua com 350 h/a e 41 educadores com 200 h/a, correspondendo a 40h/a por semana. Desta carga horária, os educadores trabalham 130h/a em sala de aula e 70h/a como aula-atividade para o desenvolvimento de atividades de estudo, pesquisa, preenchimento do diário e anotações da vida acadêmica do estudante.

O poder aquisitivo fica entre 02 a 08 salários mínimos, visto que, muitos deles prestam serviços em outros estabelecimentos de ensino.

A escolha para participação no estudo foi de forma espontânea, para que não houvesse nenhuma forma de indução no processo de coleta dos dados.

O que educadores e educandos têm em comum é a prática do consumo. Quando o tema é o consumo responsável, nenhum desses grupos fica à margem - todos exercem a prática do consumo exacerbado. Em relação ao consumo consciente e responsável na instituição, ou seja, na organização aprendente, todos precisam receber a educação sobre o consumo, visto que, ninguém nasce pronto e é com a educação que o sujeito adquire concepções, neste caso sobre o ato de consumir com responsabilidade.

Nos depoimentos, são bastante taxativos sobre a importância do ato educativo para lidar com questões intrínsecas na vida da pessoa humana. Compreendendo, que ser nenhum nasce pronto ou sabendo, nasce inacabado, como Freire (1996) afirma que o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Assim, o ser está sempre em processo de aprendizado.

Nesse sentido, o estudo concretizou-se, de forma sistemática, buscando entender a questão a partir dos agentes que estão emersos ao problema, pois, no campo de pesquisa, os fatos e fenômenos se manifestam com frequência e ficam visíveis ao olhar do pesquisador e

posterior dos sujeitos presentes do tempo e espaços que estão fazendo história, ainda em Freire (1996, p. 115), “Desproblematizando o tempo, a chamada morte da História decreta o imobilismo que nega o ser humano.

4.2 Coleta de dados

O estudo foi realizado com todo rigor científico, cujos elementos verificados, foram dimensionados com a utilização da observação e da entrevista, técnicas preciosas que oferecem dados e elementos que fortalecem o olhar crítico do pesquisador, como se expressaram Barros e Lehfelds (2001, p. 76-77), “a observação é uma das técnicas de coleta de dados imprescindível em toda pesquisa científica. Observar significa aplicar atentamente os sentidos a um objeto, para assim, adquirir um conhecimento claro e preciso”.

O campo de pesquisa onde trabalham e estudam educadores e educandos - Escola Moysés Barbosa, é bastante fértil para o estudo do consumo. A instituição escolar funciona com 200 dias letivos, conforme estabelecido na LDB 9.394/96 (BRASIL, 1996). Sendo o horário de funcionamento de 6 horas da manhã às 22 horas. Circulando diariamente um total de 1.000 estudantes, professores, funcionários, gestores e comunidade.

O volume de produtos consumidos por esse grupo, na própria instituição, torna-a um espaço ideal para analisar e problematizar a questão do consumo responsável e a atuação dos sujeitos da pesquisa.

A) Etapas de desenvolvimento da pesquisa

Considerando a melhor análise e sistematização do estudo, a pesquisa foi desenvolvida, através das etapas a seguir.

Etapa 1- Realização de observações - No período de 01 a 15 de setembro de 2015, foram realizados registros fotográficos e observações diretas com os devidos registros em diário de pesquisa, sobre os diversos ambientes e dependências existentes na organização aprendente – Escola Moysés Barbosa, tais como: salas de aula, salas administrativas, depósitos, quadra esportiva, banheiros e jardins, identificando a luz natural ou artificial, além do estado de conservação e ventilação de cada lugar visitado. Além de reconhecer o quantitativo e o tipo de lixo produzido e o seu possível reaproveitamento no espaço escolar pelos estudantes, professores e funcionários da escola. Verificou-se o gasto de energia dos equipamentos elétricos, volume de diários de classe existentes na escola e o consequente

desperdício de papel os quais são fabricados, além do armazenamento para consumo da água potável e a distribuição da água não potável, seu uso e desperdício. Observando e analisando ainda, do ponto de vista pedagógico e sociológico, a relação estabelecida pelos educadores, educandos e colaboradores com cada ambiente natural ou artificial com que se relacionam.

Etapa 2 - Entrevista com Educadores - No período de 05 a 30 de outubro de 2015, foram realizadas entrevistas previamente digitadas com 16 questões, sendo 06 fechadas e 10 abertas, para 12 educadores escolhidos através de sorteio. Na oportunidade, cada sujeito teve em média 40 minutos para expor, de forma clara e livre, o pensamento e a experiência sobre a necessidade de uma educação que pode transformar a vida das pessoas em relação ao ato de consumir.

Etapa 3 - Entrevista com Educandos – No período de 10 a 20 de outubro de 2015 foi entregue as entrevistas digitalizadas para 50 estudantes, sendo 25 estudantes do Ensino Fundamental e 25 estudantes do Ensino Médio. As mesmas 10 questões abertas direcionadas aos educadores, também foram postas para os educandos, na perspectiva de confrontar as ideias. Os estudantes também foram disponibilizados de 40 minutos para livremente e espontaneamente responderam as questões propostas na folha digitada com as entrevistas.

A entrevista foi elaborada previamente e no ato da resposta, cada participante tinha consciência do número de perguntas e em qual conteúdo se fundamentava. Com a entrevista, foi possível obter de cada entrevistado um posicionamento objetivo ou subjetivo sobre o consumo responsável e as consequências quando não se utiliza desse consumo, considerando as questões ambientais, pois a funcionalidade da técnica favorece o fluir das respostas de forma qualitativa, como afirmam Barros e Lehfeld (2001, p. 81), “a entrevista é uma técnica que permite o relacionamento entre entrevistado e entrevistador”.

Em vários momentos, os entrevistados pareciam incomodados, pois o ato de consumir é existencial em cada um/a. A aproximação do objeto pesquisado, do assunto em discussão com o participante permitiu aos mesmos, respostas idênticas, ocorrendo consonância de sentimentos entre educadores e outro educandos.

No teor nas respostas, dos educadores e educandos, ficou identificado que não há novidade sobre o ato e a necessidade de consumir com responsabilidade, com consciência e com cidadania. Notabiliza-se na fala e na escrita dos participantes da pesquisa, é que o desafio consiste em transformar o discurso em prática e que os conteúdos/conceitos da educação para o consumo responsável na formação do indivíduo, sejam sistematizados em âmbito escolar, possibilitando mudança substancial na vida das pessoas que convivem na organização aprendente educativa - Escola Estadual Moysés Barbosa.

Verificou-se facilidade por parte dos participantes, na hora de afirmar ou negar as questões relacionadas ao exercício do consumo. O exercício de questionar inquieta e faz possibilitar um olhar para dentro de si suscitando o desejo de compromisso e invenção de novas formas de agir. Na tentativa de encontrar um ponto de encontro entre a teoria e a prática, foi indagado aos participantes da pesquisa: educadores e educandos como tem sido a prática individual, o sujeito atuando dentro da organização, quando a temática era o consumo com responsabilidade.

Nesse sentido, as entrevistas tiveram a intenção de fomentar o debate de forma que surgissem espontaneamente conceitos, ideias, propostas, resistência, aceitação e acima de tudo cientificidade, pois não se pode, nesse caso, trabalhar com achismo ou argumentos evasivos. O ponto de maior convergência entre os participantes foi no sentido de apresentar a educação para o consumo como um instrumento que faz intervenção no comportamento das pessoas para que, a partir daí, possa imaginar outra sociedade capaz de lidar com o consumo de forma responsável e consciente.

A utilização da observação e de entrevistas como instrumentos de buscas, permitiu uma aproximação dos fatos e acontecimentos com o problema suscitado pelo pesquisador. Estes dois oferecem condições de identificação das causas e efeitos de um problema bastante discutido nos dias atuais, o consumo responsável e com consciência.

Os sujeitos participantes da pesquisa expressaram-se livremente sobre a educação para o consumo, visto que a prática de consumir não é uma especificidade de um pequeno grupo, ou algo distante da vida deles. O ato de consumir é, sim, uma característica da chamada civilização contemporânea muito presente no cotidiano das pessoas.

Essa aproximação do objeto de estudo com o problema levantado, facilitou o entendimento, conduzindo as pessoas que participaram das entrevistas a emitirem a opinião com desenvoltura.

Percebe-se que dificilmente, encontra-se alguém que não esteja exercitando o hábito de consumir. Nesta perspectiva, Silva (2014, p. 44), afirma que: “Consumir é preciso e deve ser uma atividade salutar como tantas outras que fazem parte do cotidiano humano. A questão é se estamos preparados para sermos bons consumidores”. Assim, educar para prática do consumo sustentável é uma reflexão pertinente.

5 ANÁLISE DOS DADOS

A incumbência de analisar os dados e os resultados das questões levantadas pelos participantes torna-se desafiante, pois o tema é propositivo e permite com que cada pessoa possa dar respostas e se expressar de forma espontânea, sem a preocupação do certo ou errado, pois o tema consumir, consumidor, sociedade de consumidores, educação para o consumo, consumir com responsabilidade e racional, desenvolvimento sustentável tem sido questões muito atuais na contemporaneidade, como Debord (1997, p. 30), afirma: “a produção econômica moderna estende a sua ditadura extensiva e intensivamente.”

Do universo de educadores e educandos pesquisados - todos responderam às perguntas postas nas entrevistas com relativa desenvoltura. Nenhum destes entrevistados fez menção a autores e/ou militantes críticos do modelo que incentiva o consumo ou a teóricos preocupados em analisar as causas e consequências das práticas consumistas que impulsionam para uma cultura da devastação. Não citaram estudiosos que refletem sobre um ambiente saudável e ideal para o bem viver, que defendem outro modelo que reconheça a terra como mãe e que oriente para uma educação que busca o exercício constante da responsabilidade como ponto de partida e chegada.

A entrevista composta por 16 questões para os educadores e 14 questões para os educandos, apresentou como finalidade identificar práticas que revelem o significado da educação para o consumo e sua competência para orientar na responsabilidade quanto ao ato de consumir e à preservação do meio ambiente, presente no pensar de cada participante. As questões foram respondidas no sentido de fortalecer a política de educar para o verdadeiro convívio com o consumo.

O quantitativo de respostas negativas, sobre o questionamento voltado para prontidão das pessoas para a necessidade de consumir de forma responsável, releva o despreparo para o consumo de forma sustentável. A posição foi apresentada tanto por educadores, quanto por educandos, na faixa etária entre 11 a 59 anos.

Através da ação de aprender e conscientizar-se são processos adquiridos na convivência e historicidade do ser humano com o meio. Conforme apresenta Freire (1996, p. 99), “nem somos, mulheres e homens, seres simplesmente determinados nem tampouco livres de condicionamentos genéticos, culturais, sociais, históricos, de classe, de gênero, que nos marcam e a que nos achamos referidos”.

O teor das respostas de cada entrevistado, sejam educadores entre 24 a 59 anos ou estudantes do ensino fundamental e ensino médio da educação básica na faixa etária entre 11

a 29 anos, é sempre na defesa do ser humano como inacabado, histórico, participante de um processo que aprende e desaprende. Nas reflexões abordadas por esses, é notório o sentimento de uma aprendizagem que deve acontecer e deve ser permanente e não deixar de acontecer diante do quadro estarrecedor e abusivo com o meio ambiente.

Na fala de cada participante, e nas observações realizadas, fica a certeza de que a educação para o consumo responsável provoca mudanças na prática das pessoas, que cientes do dever e dos direitos assumem posturas bastante comprometedoras com o meio ambiente devolvendo aos membros da comunidade a esperança de dias melhores, cuja convivência no dia a dia seja de muito respeito e responsabilidade no ato de consumir.

5.1 Resultados

O resultado esperado no final deste trabalho deve prover a expectativa gerada no ato de problematizar a questão sobre a educação para o consumo como instrumento de mudança na vida dos educadores, educandos e colaboradores, pois a satisfação consiste em abordar com eloquência a contribuição de cada participante no sentido de conceituar a educação que visa formar as pessoas para o consumo responsável e consciente.

Na escola *lócus* de pesquisa, foi possível observar vários elementos visíveis sobre a não responsabilidade no ato de consumir, sobre a ausência de uma educação que saiba lidar com o consumo sem, necessariamente, causar prejuízos ao meio ambiente, situação bem exposta, como a utilização de lâmpadas acesas nos corredores, nos jardins, na quadra esportiva, na cozinha e nos pátios sem a desnecessariamente, cada espaço apresentava iluminação natural de boa qualidade.

Nos aspectos concernentes, às plantas, o que se observa é a falta de zelo por parte dos participantes na escola, principalmente dos estudantes e professores. O que ocorre é que mesmo as plantas, que são mudadas para garantir, no futuro próximo, a sombra e ventilação, são quebradas e pisoteadas pelos próprios estudantes.

Com relação à produção de lixo, o que se observa é um quantitativo que vai ao encontro da pesquisa nacional que apresenta que o brasileiro produz 1 kg de lixo diariamente. Na organização aprendente educativa, a Escola Moysés Barbosa, a produção de lixo não é diferente; nos corredores na instituição, encontram-se papéis de pipocas, chicletes, de balas, de chocolates, de salgadinhos e garrafa PET, dentre outros. Nas salas, durante as aulas, são pilhas de folhas de caderno jogadas pelos estudantes sem a menor preocupação e responsabilidade com o meio ambiente.

Na instituição aproximadamente 260 diários de classe, totalizando 108 folhas, são usados por ano com a finalidade de anotar o desempenho dos estudantes no cotidiano da escola. Cada professor chega a utilizar o quantitativo de 12 unidades que, no final do ano, não podem ser reutilizados, o mais agravante é que os professores tiveram a oportunidade no ano de 2012, para substituir esse diário de classe eletrônico, por sistema *on line* implantado pela Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco, no Sistema de Informações da Educação de Pernambuco – SIEPE. Mas, rejeitaram essa medida sem refletir o quanto poderiam contribuir com o meio ambiente, não realizando uma prática de desperdício e de degradação na produção do lixo de papel.

Nesse mesmo recinto, não se aproveita muito o papel, que é descartado das impressoras. Em relação ao uso da água doce e potável, torneiras ficam abertas e membros da instituição, professores, estudantes, funcionários e gestores e não têm atitude no sentido de evitar o desperdício. Um exemplo muito evidente é que logo na entrada da unidade de ensino, existem 02 bebedouros para uso diário dos educandos e o que acontece é que, por parte de alguns dos estudantes, são distorcidos os pinos para que haja o esvaziamento da água sem justa necessidade, tudo isso na intencionalidade de não haver atividades pedagógicas e os estudantes serem liberados para voltarem às suas casas, pois, sem água para consumo, não há como funcionar a escola; se isso não fosse suficiente, ainda existe o problema de não torcer corretamente as torneiras que jorram água pronta para o consumo humano. Essa prática é visível, onde há jatos de água lançados em direção aos olhos dos estudantes e não há indignação nem repugnância por parte dos participantes. Ainda sobre o uso da água de excelente qualidade, essa se encontra nos banheiros de uso dos educandos em caixa d'água com fissura, jorrando pelo período de até 48 horas sem remorso ou culpabilidade de alguém.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 Educação para o consumo na escola

Na questão sobre o consumo, a partir do mundo da organização aprendente, é perceptível a curiosidade pelo tema, pois todos, mas todos mesmos sabem que consumir é uma necessidade humana, é uma prática do mundo contemporâneo, uma característica de uma sociedade, que é definida como sociedade de consumidores, mas ser consumidor sem responsabilidade, sem o mínimo de cuidado passa a ser um problema com variáveis complexas.

Aprender a complexidade ambiental implica um processo de desconstrução e reconstrução do pensamento, remete-nos às suas origens, à compreensão de suas causas, implica considerar os “erros” da história que se enraizaram em certezas sobre o mundo com falsos fundamentos; descobrir e reavivar o ser da complexidade que foi “esquecido” com o surgimento da cisão entre o ser e o ente (Platão), do sujeito e do objeto (Descartes), para apreender o mundo coisificando-o, objetivando-o e homogeneizando-o (LEFF, 2007, p. 192).

Com esse entendimento existente na organização aprendente, fica muito visível a necessidade de um compromisso coletivo, no sentido de refletir com frequência sobre a questão do consumo e encontrar os fundamentos teóricos e práticos de uma educação, que passa a ser reconhecida como o ponto de equilíbrio entre consumir, mas com responsabilidade.

Diante desse quadro, a educação, que tem por finalidade ajudar o ser humano a lidar com o consumo, para que este saiba dimensionar e entender, racionalmente, os porquês de não agir de forma irresponsável no ato de consumir vai sendo considerada como inadiável sua presença no meio social. O certo é que a responsabilidade deve ser compartilhada, pois, existe no universo de 60 pessoas desta escola - entre educadores e educandos que apontam e justificam que uma solução mais lúcida e fácil seria o desenvolvimento da educação para o consumo e que a mesma seja dada na família, na escola, no trabalho ou na sociedade.

A organização das entrevistas, aplicada aos educadores e educandos pesquisados, possibilitou averiguar qual o lugar e de que forma a educação para o consumo poderia contribuir e oferecer alternativa quanto à prática do consumo consciente. Permitiu também, analisar minuciosamente as abordagens mais relevantes e elucidativas encontradas nas falas e nos escritos dos participantes, assim como verificar quais os espaços físicos, que são

utilizados permanentemente pelos membros pesquisados e que revelam o desperdício de materiais.

Como já relatado em outro momento deste estudo, merece que nesta organização aprendente, seja estruturada e delineada a educação, que tenha como foco a consumo responsável, como se apresenta nos registros fotográficos. É preocupante as práticas de desperdício e consumo irresponsável dos participantes dessa organização. Qualquer pessoa, com senso de responsabilidade com o meio ambiente, logo ficará preocupada com o que se vê em relação ao uso da energia elétrica sem o menor cuidado, a produção do lixo sem medir as consequências, a utilização da água potável e doce jorrando para o esgoto, o não zelo pelas plantas e árvores que, dentro do espaço de aprendizagem, fazem um bem não só no sentido de promover sombras, mas também na garantia de uma ventilação natural tão necessária para o clima presente no sertão pernambucano do Nordeste brasileiro. Ainda, existe o agravante que é a produção de lixo de papel do caderno dos estudantes. Nessa organização, destacam-se folhas utilizadas e não utilizadas, por parte dos estudantes e jogarem-nas no chão tem sido uma prática comum em todas as salas e em todos os turnos.

Figura 2 - Organização Aprendente Educativa Moisés Barbosa na cidade de Petrolina-PE



Fonte: autor da pesquisa

Das 34 salas de aula em funcionamento durante os três turnos; manhã, tarde e noite não é possível contabilizar uma ou duas que não produzam lixo da mais diversas formas; quando o estudante presente não joga no chão o papel do chiclete, da pipoca, do salgadinho, da bala de doce, do chocolate; joga, sim, o copo de plástico, a garrafa PET, a latinha de refrigerante e, até mesmo, sendo proibido o uso das garrafas de vidro ainda se encontram dentro dos espaços da instituição escolar.

As plantas, que têm uma função extraordinária para o equilíbrio entre a natureza e cultura, são desprezadas e abandonadas pelos presentes na instituição, quando não machucadas e pisoteadas pelos próprios estudantes, proporcionando a substituição constante de novas mudas.

Nos espaços apropriados para jardins, que poderiam ser utilizados pelos participantes da organização aprendente nos passeios, diálogos, brincadeiras e outras atividades educativas e de cunho social se encontram amontoados de lixo, dejetos e resíduos, bem na superfície do solo, que acumula, entre outras coisas, insetos e lagartos.

Uma das práticas sem responsabilidade é, de fato, o uso da água potável e doce quando são utilizadas nos banheiros para o uso de esgoto, pois se encontram com caixas de armazenamento com fissuras e a água é esbanjada sem limites do tempo, as torneiras, no mesmo espaço, gotejam aos poucos sem as devidas providências.

Figura 3 - Lixo jogado nos corredores da organização aprendente durante o período de aulas.



Fonte: autor da pesquisa

Figura 4 - Torneiras de bebedouros abertas desperdiçando água potável



Fonte: autor da pesquisa

A situação que se apresenta nessa organização em relação ao consumo é estarrecedora. Além dos elementos enumerados anteriormente, ainda, é visível a presença as lâmpadas acesas em corredores com iluminação natural de excelente qualidade. É notório, no espaço reservado para cozinhar, que lá há ventilação e iluminação natural; mas as luzes permanecem acesas sem nenhuma justificativa convincente e pertinente durante o dia todo, todos os dias de funcionamento da escola, pois, para conhecimento e informação, essa unidade abre às 6h30min da manhã e fecha às 22 horas. Somente na cozinha são acesas 4 lâmpadas sem necessidade durante 16h30 minutos.

Figura 5 – Lâmpada acesa durante o período diurno na organização aprendente



Fonte: autor da pesquisa

Figura 6 - Duzentos e sessenta diários são utilizados anualmente, quando poderiam ser substituídos por um sistema informatizado da Secretaria de Educação.



Fonte: autor da pesquisa

Figura 7 – Água gerada pelo ar-condicionado é desperdiçada, quando poderia ser reaproveitada



Fonte: autor da pesquisa

Figura 8 - Ventiladores em funcionamento por longos períodos, independente das necessidades



Fonte: autor da pesquisa

Em relação à educação para o consumo, apesar de o tema ser bastante debatido na atualidade, com universo expressivo de produções gerados nos mais variados espaços de estudo e pesquisa em nível nacional, mesmo com vários movimentos contrários ao modelo de desenvolvimento capitalista financiado pelo neoliberalismo e pela chamada globalização, assim como a presença de várias empresas que, por uma questão de valores e missão no intuito de se aproximarem de um público mais exigente, têm assumido em defesa de uma prática consumista mais responsável; existe dentro da organização um distanciamento entre o pensar e o fazer, entre o discurso e a prática, entre o desejo e a ação; o que se pode constatar é um ritmo muito lento das questões epistemológicas, pedagógicas, gnosiológica em relação aos fundamentos da educação para o consumo. Pois, para se ter uma educação que trate especificamente do consumo responsável, é preciso que se desenhe seu conteúdo, objetivo, metodologia, atividade, recurso, didática e um planejamento sistemático. Precisa ser definido

no projeto político-pedagógico, no currículo escolar e ser um compromisso de todos que fazem a educação e convivem dentro do processo de ensino e aprendizagem, como no dizer de Leff (2007, p. 67):

A problemática ambiental induz assim um processo contraditório de avanços/retrocesso do saber para apreender os processos materiais que plasmam o campo das relações sociedade-natureza; daí surgem obstáculos e estímulos para a produção de conhecimento pelo efeito de interesses sociais opostos, abrindo possibilidade alternativas para a reorganização produtiva da sociedade e o aproveitamento dos recursos.

Ressalta-se que não se faz educação, seja de qualquer natureza, sem considerar os fatores quer sejam econômicos, culturais, políticos ou sociais. Fazer educação é um ato de corresponsabilidade de todos os atores que se encontram na organização, pois é salutar que exista, por parte de toda comunidade educativa, um alinhamento sobre o problema e as soluções. Um exemplo claro é que não adianta a equipe gestora dominar as questões sobre o consumo se as pessoas que atuam na cozinha, preparando a merenda, não têm conhecimento sobre a prática da educação para o consumo dentro da organização aprendente educativa.

O que se encontra expressivo na organização aprendente - na escola Moysés Barbosa, é a necessidade de uma proposta de educação, que tenha como foco o ser humano ajustado com o local, com o espaço, com o global, com a natureza, com princípios pedagógicos, que considerem saberes e valores de uma cultura de paz e da sustentabilidade de uma educação voltada para o futuro como destaca Moacir Gadotti (2008, p. 74-75). Tais princípios pedagógicos são:

- Educar para pensar globalmente;
- Educar os sentimentos;
- Ensinar a identidade terrena
- Formar para a consciência planetária;
- Formar para a compreensão;
- Educar para a simplicidade voluntária e para a quietude.

É importante compreender os elementos que são inerentes à prática pedagógica, essenciais ao processo de formação humana. Não é possível fazer educação sem conteúdo, sem metodologia, sem planejamento, sem compromisso com os princípios da eficiência, objetividade e transparência. É fundamentalmente necessário que a organização aprendente educativa possa superar a dicotomia entre quem sabe e quem deve saber, entre teoria e prática, entre discurso e ação, entre o dizer e o fazer.

O ponto central é que o dever e a responsabilidade de todos estejam explícitos e garantidos no projeto existente na escola, na concepção e no entendimento sobre o que escola deve ter e fazer e, assim, qual sociedade se pretende construir. O ato educativo só tem significância quando é acompanhado da reflexão que incentiva o diálogo e a escuta. Não pode haver mudanças sem liberdade, autonomia, conhecimento, experiência, consciência histórica.

É preciso, porém, quem tem o que dizer saiba, sem sobra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer. Mas ainda, que o que ter a dizer não é necessariamente, por mais importante que seja, a verdade alvissareira por todos esperada (FREIRE, 2009, p. 116).

O que se pode afirmar é que há muito que fazer e aprender, o não reconhecimento da necessidade de mudanças na vida das pessoas, a não aceitação por mudanças no ato de fazer a educação, a pedagogia, a ciência e a filosofia no contexto da organização aprendente educativa pode gerar, como vêm gerando, práticas inaceitáveis com o meio ambiente que só trazem complicações que impedem, a curto prazo, a qualidade de vida.

Nesse sentido, a educação se faz necessária e eficaz. É muito bom destacar que não se devem adotar instrumentos educativos apenas por questões burocráticas ou representativas originárias dos discursos modernos, que são financiados pelo modismo, mas sim, deve-se materializar nos espaços apropriados uma educação que tenha como fundamento a ética da responsabilidade, que promova no ser humano reflexões de extrema importância que sejam capazes de oferecer ao sujeito presente no tempo e no espaço condições de agir de forma responsável no ato de consumir, uma educação que considere os quatro pilares propostos pela UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Os quais são: aprender a ser, a conviver, a fazer e aprender a aprender.

6.2 Perfil dos participantes

Compreender o perfil dos participantes da pesquisa é significativo, tendo em vista que, é a partir de uma realidade que se passa a entender melhor as respostas e seus significados para a pesquisa.

Quadro 3 - Perfil dos educadores participantes - sujeitos da pesquisa

Educadores	Idade	Formação	Situação funcional	Tempo magistério	Organização	Tempo de serviço na organização
1	43	Letras	Efetiva	27 anos	Escola Moysés Barbosa	15 anos
2	49	Pedagogia	Efetiva	15 anos	Escola Moysés Barbosa	14 anos
3	27	Letras	Efetiva	12 anos	Escola Moysés Barbosa	9 anos
4	43	Letras	Efetiva	18 anos	Escola Moysés Barbosa	16 anos
5	35	Letras	Efetiva	05 anos	Escola Moysés Barbosa	1 ano
6	37	Letras	Efetiva	21 anos	Escola Moysés Barbosa	18 anos
7	51	Pedagogia	Efetiva	12 anos	Escola Moysés Barbosa	10 anos
8	51	Geografia	Efetivo	22 anos	Escola Moysés Barbosa	5 anos
9	44	Biologia	Efetivo	20 anos	Escola Moysés Barbosa	12 anos
0	39	Matemática	Contrato	15 anos	Escola Moysés Barbosa	9 anos
1	34	Matemática	Contrato	9 anos	Escola Moysés Barbosa	8 anos
2	24	Matemática	Contrato	5 anos	Escola Moysés Barbosa	1 ano

Fonte: autor da pesquisa

Quadro 4 – Perfil dos educandos participantes - sujeitos da pesquisa

Nº de estudantes	Idade	Nível de estudo	Sexo M	Sexo F	Médio de tempo na organização
07	13	EF	02	05	6 anos
02	18	EF	01	01	2 anos
01	17	EF	-	01	5 anos
05	14	EF	03	02	4 anos
06	15	EF	05	01	5 anos
01	16	2º Ano EM		01	3 anos
07	17	2º Ano EM	03	04	3 anos
02	20	2º Ano EM	02		3 anos
01	19	2º Ano EM	01		3 anos
01	24	2º Ano EM	01		3 anos
05	18	2º Ano EM	02	03	3 anos
02	15	2º Ano EM	02		3 anos
05	17	3º Ano EM	02	03	4 anos
03	16	3º Ano EM	01	02	4 anos
01	15	3º Ano EM	01		4 anos
01	18	3º Ano EM	01		4 anos

Fonte: autor da pesquisa

Ressalta-se que o grupo de educadores possui vasta experiência no magistério, apresentando-se intelectualmente mais preparados e com melhor convívio social; o grupo dos educandos - são adolescentes e jovens que, imbuídos do sonho, tentam se firmar na busca de novas realizações.

Para melhor entender sobre o mundo pessoal e social desses participantes, alguns dados são precisos e trazem mais embasamentos para o trabalho de pesquisa, tais como:

- Dos 62 educandos, 50 são jovens, ou seja, uma camada mais vulnerável para a prática do consumo sem responsabilidade;
- A situação socioeconômica de cada participante oferece condições de ter mais responsabilidade sobre o consumo na vida social, pois a questão econômica define um pouco o comportamento;
- O ambiente existente na organização aprendente - Escola Estadual Moysés Barbosa, facilita o exercício constante da educação para o consumo;
- A forma e o modelo de gestão existentes na organização proporcionam as condições de fomentar a prática da educação para o consumo consciente;
- A localização geográfica onde se encontram a organização e os espaços físicos existentes contribui significativamente para refletir sobre o consumo responsável;
- A legislação sobre o preservação do meio ambiente, a postura dos órgãos governamentais, as diretrizes e os conteúdos das disciplinas afins como sociologia, biologia, filosofia e ciências são parceiras em defesa e da prática do consumo consciente.

6.3 Análises das entrevistas

A análise das entrevistas realizadas com educadores e educandos da organização aprendente educativa Escola Moysés Barbosa é essencial para conhecimento, entendimento e validação sobre a problemática em estudo. Foram esses instrumentos que viabilizaram o conteúdo aqui fundamentado e justificado, que tinha como eixo a educação para consumo como instrumento de mudança na vida dos membros da organização aprendente educativa, no caso da escola.

O uso da entrevista possibilitou investigar, com afinco, o elemento em discussão e permitiu conhecer as variáveis existentes na viabilidade de uma educação que tem como foco educar o ser humano para a prática da responsabilidade no ato de consumir, como justifica

Andrade (2008, p. 19): “A entrevista é uma técnica de observação direta intensiva muito empregada na pesquisa das ciências sociais: sociologia, antropologia, política, serviço social, psicologia social, jornalismo, relações públicas etc.”.

Com o mesmo intuito de explicar o valor e o resultado da entrevista, que é muito solicitada nos trabalhos de pesquisa, considerando que a entrevista se destaca em relação às demais técnicas afirma ainda Andrade (2008, p. 20), que: “apresenta algumas vantagens sobre as demais técnicas, pela possibilidade de ser utilizada com pessoas de todos os segmentos sociais, analfabetas ou semialfabetizada”.

O caminho percorrido levou em consideração a pragmaticidade da entrevista como uma técnica de observação direta, pois, para cada educador, foram feitas 16 perguntas e para cada educando 14 perguntas, que tinham como objetivo saber os resultados obtidos a partir dos elementos teóricos e práticos da educação para o consumo dentro da instituição em questão. O resultado foi, de fato, bastante aglutinador, tendo em vista a capacidade de evidenciar as indagações com segurança, pois, com a entrevista diretiva, é possível mergulhar no universo diversificado e enraizados de um determinado contexto, pois, como é dito pelo pensamento marxista, o ser humano é condicionado pelo meio em que vive e é a partir dele que forja o pensamento e a prática.

Utilizando-se do método da análise de conteúdos as respostas serão divididas em 5 categorias a partir das questões respondidas. E, para melhor organização será adotado letras do alfabeto como nomenclatura dos educadores e educandos entrevistados.

a) Papel da escola na educação do consumidor

Na análise das respostas da Questão 1 – Papel da escola na educação do consumidor, não restam dúvidas de que a educação é o caminho correto para que se tenha um mundo melhor e mais sadio. Como afirmou o entrevistado A: “*a educação pode ajudar os indivíduos a se tornarem consumidores e não consumistas compulsivos*” (Estudante do 3º ano do Ensino Médio – 16 anos).

No pensamento o entrevistado B, o papel da escola é de: “*ensinar o certo para que sejamos cidadãos de bem*” (Estudante do 9º Ensino Fundamental - 14 anos) Para o entrevistado C “*a escola deve conscientizar*” (Estudante do 3º ano do Ensino Médio, 18 anos).

Para o professor – entrevistado D - sobre o papel da escola, destaca: “*estimular a reflexão e até mesmo a conscientização (como ponto chave) para que o cidadão possa*

contribuir com o desenvolvimento mais justo, seguro e sustentável” (Educadora na organização aprendente, 51 anos, 27 anos no magistério).

Nesta perspectiva, fica presente a importância do papel da escola como lugar privilegiado para se fomentar ideias de uma educação que promova no sujeito este compromisso de consumir de forma ética e com práticas condizentes com a necessidade do planeta, do meio ambiente, com condições históricas de identificar o ruim e o bom para a natureza e conseqüentemente para o semelhante.

Preocupado em defender o valor da educação e sua contribuição para o mundo melhor e sustentável, onde sejam possíveis posturas diferentes e condizentes com a ética e os princípios de uma moral crítica, Gadotti (2008, p. 106), afirma: “No século 21 numa sociedade que utiliza cada vez mais as tecnologias da informação, a educação tem um papel decisivo na criação de outros mundos possíveis, mais justos, produtivos e sustentáveis para todos e todas”.

b) Influências para o consumo na atualidade

Na análise da questão 3, cuja intenção era saber quem mais influencia o consumo na atualidade, os entrevistados foram bem expressivos. O entrevistado E foi bem taxativo: “*a TV e a internet e diz: em mim, foi a influência da TV e da internet*” (Estudante do Ensino Fundamental, 14 anos).

O pensamento do educador – entrevistado F - não difere da estudante; prevalece à afirmação sobre o poder da TV: “*Em minha opinião os meios de comunicação que conseguem atingir um grande número de pessoas, através da ideologia da classe dominante*” (Educadora na organização aprendente, 37 anos, 14 anos de magistério).

Nessa mesma direção, responde o entrevistado G sobre a influência do consumo em sua vida: “*Em minha opinião, atualmente quem mais influencia o consumo é a televisão. O que mais me influenciou foi a internet, redes sociais, televisão*” (Estudante do Ensino Fundamental, 13 anos).

Assim, os depoimentos dos entrevistados, sendo educadores ou estudantes enumeram o poder da TV, da Internet, do rádio que usam propagandas bem feitas e, às vezes, utilizam pessoas que são admiradas como: atores, atrizes, cantores, jogadores de futebol/atletas e apresentadores de programas de auditório. o que impulsiona ainda mais o ato de consumir sem arrependimento e trauma na vida das pessoas, que bombardeadas constantemente por todos os lados não se controlam e terminam naquele momento adquirindo os produtos sem

necessidade, como afirma Silva (2014, p. 119), “diariamente sofremos um bombardeio de informações de propagandas vindas de todos os lados e nem sequer nos damos conta do quanto isso ocorre”.

c) Relevância da educação do consumidor

Na pergunta realizada a todos os participantes sobre a relevância e a necessidade da educação para o consumo, as respostas foram no sentido de elevar o papel de educação para um patamar de responsabilidade generalizada, como respondeu o entrevistado H:

Porque se não desenvolvermos urgente hábitos de consumo consciente e um comportamento ecologicamente correto em face ao meio ambiente, comprometeremos ainda mais a qualidade e a continuidade da vida do planeta (Educadora organização aprendente, 43 anos, 5 anos de magistério).

Como expressou o entrevistado D na entrevista, “*Sem dúvida. É relevante a educação do consumidor visto que sem ela é impossível os cidadãos agirem com mais cuidado na hora de consumir*” (Educadora da organização aprendente, 51 anos, 27 de magistério).

Não muito diferente, mas, de forma simples, disse o entrevistado I: “*Nos ensina, para que no futuro saibamos*” (Estudante 3º ano do Ensino Médio, 18 anos).

Observa-se que, com um argumento mais politizado e numa visão de comprometimento entre todos os habitantes, tem a resposta o entrevistado J: “*Sim. Para sabermos cuidar do planeta terra*” (Estudante 3º ano do Ensino Médio, 18 anos).

d) Prática dos colegas estudantes na escola com relação ao consumo consciente e responsável

Na análise da Questão 10 sobre as práticas na escola com relação ao consumo consciente e responsável, os entrevistados avaliaram a atuação dentro da instituição e foi dada a seguinte resposta pelo entrevistado L:

Gasto apenas o necessário, quando o que não utilizei, reaproveito objetos, dão roupas quando não me servem mais e adoto atitudes básicas que devem ser seguidas por qualquer pessoa, como: fechar a torneira enquanto escovo os dentes ou me ensaboar, desligo lâmpadas, retiro as tomadas dos plugs, reaproveito impressões para ser usadas como rascunho, adoto um copo descartável por dia, etc. (Educadora na organização aprendente, 34 anos, 10 anos no Magistério).

Para o estudante, também há uma preocupação quanto à prática fora e dentro da organização aprendente, como diz o entrevistado E: *“Eu considero o meu consumo tanto na escola, quanto em casa consciente e pelo que me recordo nunca desperdicei nada* (Estudante do Ensino Fundamental, 14 anos). Já para o entrevistado M: *“Nem todos consomem de maneira correta, a maioria não sabe consumir”* (Estudante do Ensino Médio, 17 anos). Esta última resposta mostra com clareza como se faz necessário reservar tempo pedagógico para dialogar de forma sistemática e contínua sobre o ato de consumir.

e) O sujeito e a prontidão para o ato de consumir

Nos aspectos concernentes a Questão 11, sobre se o sujeito já nasce sabendo sobre o ato de consumir e que não precisaria mais de aprendizagem ou aquisição de novos conhecimentos, todos os entrevistados foram taxativos em dizer que não.

Segundo os entrevistados, os saberes são construídos no tempo histórico. Para o entrevistado A: *“Com o tempo e com as pessoas conscientes e responsáveis aprendem como consumir da maneira certa, porque ninguém nasce sabendo de nada”* (Estudante do 3º Ensino Médio, 16 anos). Semelhante a esse pensamento respondeu o entrevistado N: *“Não se nasce sabendo. Porque precisamos de alguém para nos educar”* (Estudante do 3º ano do Ensino Médio, 19 anos).

Ainda sobre a Questão 11, responde o entrevistado N de forma enfática:

Não. Na verdade o ser humano é fruto do meio em que vive. Se ele tem bons exemplos ao seu redor, ele tende a adotá-los; porém, se convive com ações degradantes, ele tende a reproduzi-los; Por isso, é tão importante o papel da educação para o consumo consciente (Educadora da organização aprendente, 35 anos, trabalha há 9 anos no magistério).

Portanto, na opinião dos entrevistados, o ser humano não nasce sabendo, pronto e acabado, com condições de exercer seu papel no mundo sem ajuda. Mas, necessariamente, precisa aprender e este ato de adquirir não se dá no isolamento, na solidão, no distanciamento com o outro. Isso faz com que o ato de educar tenha um lugar privilegiado na formação do sujeito que precisa ser e viver socialmente.

Diante do exposto, o que se percebe é que é preciso que a sociedade, os gestores, as empresas, as instituições de qualquer natureza, sejam públicas ou privadas, civis ou religiosas, precisam aglutinar forças e elementos científicos para construir os fundamentos desta educação para o consumo.

Percebe-se pelas respostas obtidas nas entrevistas realizadas junto aos educadores e educandos, o quanto a sociedade precisa se organizar e defender políticas públicas voltadas para esse tipo de educação. *A priori*, a educação para o consumo representa uma solução imediata para conscientizar as práticas consumistas a médio e longo prazo, pois, consumir é necessário, mas sem remorsos e desesperos.

Consumir é preciso para viver, mas viver para consumir pode ser uma das maneiras mais eficazes de transformar a vida em uma morte existencial. E quando isso acontece, deixamos de viver em porto seguro de paz e necessidades satisfeitas para nos lançarmos em um mar revolto, em que ondas de dívidas, remorsos e desesperos passam a tomar de assalto nossas vivências mais básicas (SILVA, 2014, p. 41).

Assim, ao analisar as respostas das entrevistas, percebe-se que é preciso, sobretudo, acontecer um melhor controle sobre os meios de comunicação, para que existam critérios sobre o uso de propaganda e as formas associativas e diretivas para jovens e crianças. Não é possível aceitar que as empresas em nome do lucro, das vendas, da competitividade sejam as que orientam e determinam o comportamento das pessoas em relação ao consumo responsável, como se expressou Gadotti (2008, p. 103):

A responsabilidade individual deve ser associada à luta global pela transformação do sistema capitalista. Podemos ter novas atitudes perante a alimentação, o transporte, a limpeza, a iluminação, a planificação familiar, a redução de demanda de energia doméstica.

A questão fica mais expressiva quando se tem a certeza de que o processo de formação se dá no contexto, numa dada realidade em comunhão e partilhada de forma social. Para cada resposta, a confiança no papel que deve exercer a educação, em cada pensamento a preocupação quanto ao destino comum e pertencente a todos, como explica o sociólogo Edgar Morin (2003, p. 51): “Sem dúvida alguma, o grande desafio da atualidade reside em educar ‘em’ e ‘para’ a era planetária”.

Portanto, não se encontra outro meio eficaz e com desenvoltura ao nível da educação, pois pensar em educar é pensar num sujeito livre com capacidade de escolher entre o bem e o mal, apto a promover na sua singularidade, participante de uma comunidade que valorize a ser humano, a natureza e a cultura, como afirma Gadotti (2008, p.103), “é importante saber o que cada um de nós pode fazer para ‘salvar o planeta’”.

6.3.1 Diferença do discurso dos educadores x educandos

Nesse sentido, analisando e comparando as respostas de professores e estudantes na organização aprendente Moysés Barbosa na cidade de Petrolina no Estado de Pernambuco, uma organização pública localizada na zona urbana da cidade, percebe-se consonância nas reflexões dos estudantes, educadores e dos pesquisadores que vêm produzindo literaturas sobre o ato de educar para o consumo.

Todos dizem e justificam que o papel principal e preponderante da educação é a formação de um sujeito que possa consumir de forma responsável e consciente, com capacidade de distinguir entre o necessário e supérfluo, apto a reconhecer o ato do consumo, considerando que os males provocados pela falta de responsabilidade com o meio pode, causar estragos sem precedentes. No geral, é muito expressivo por parte dos entrevistados que, sem uma educação para o consumo, fica bastante comprometida a vida no planeta.

Nota-se, então que há concordância entre os entrevistados sobre a necessidade de uma educação que oriente e forme o sujeito para conviver com ética e responsabilidade com o planeta Terra. Quem também concorda com esse pensamento é Gadotti (2008) que, no livro “Educação para sustentabilidade”, enfatiza com afinco sobre o valor da educação para outro mundo possível, por meio de uma educação para a sustentabilidade.

Assim, educar para saber lidar com as questões para a sustentabilidade, do desenvolvimento que garanta a produção, mas que respeite outros seres vivos, revelando capacidade de equilíbrio entre a natureza e a cultura que, de fato, é o maior bem que uma instituição, uma sociedade pode fazer. Fortalecer o papel da educação dentro da organização e sua incumbência frente aos desafios estabelecidos na sociedade de consumidores, onde a própria vida vira mercadoria, como denunciou o polonês Bauman (2008, p. 30), “Na sociedade de consumidores, a dualidade sujeito-objeto tende a ser incluída sob a dualidade consumidor-mercadoria”.

7 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Situar o problema do ato de consumir sem responsabilidade, sem consciência, sem o devido cuidado com os impactos, que causam ao meio ambiente e justificar a influência que agrega na educação para o consumo e sua interferência no ato de educar para saber lidar com as emoções, controlar os desejos, saber escolher no ato de adquirir bens ou produtos é o propósito deste trabalho, é a especificidade desta produção.

Assim, é bom ressaltar que, na pesquisa, seja qual for o tema, o conteúdo, o assunto, a questão, a problemática investigada deve ser sempre na intencionalidade de proporcionar substantivos epistemológicos que facilitem a compreensão do fenômeno estudado, para que a realidade possa ser evidenciada, e o sujeito presente possa agir consciente e com condições de fazer modificações, principalmente, nas relações sociais onde vive e convive, seja no trabalho, na escola, na universidade, na família, na organização de classe ou na organização comunitária.

Essa ação transformadora consciente é exclusiva do ser humano e a chamamos trabalho ou práxis; é consequência de um agir intencional que tem por finalidade a alteração da realidade de modo a moldá-la às nossas carências e inventar o ambiente humano (CORTELLA, 2008, p. 37).

A prática do consumo sem considerar os impactos que, diretamente, afetam todos os humanos, assim como o ambiente com seus componentes físicos, químicos, biológicos e sociais têm se acentuado com rapidez e eficácia. É urgente a necessidade de preocupação e atitude de toda sociedade, com a finalidade de entender melhor esta problemática e apresentar alternativas que possam impedir a situação, que não somente atinge os autores e autoras da ação, mas precisamente o meio em que se vive inter-relacionado com outros seres.

Assim, em curto tempo, comprometer a vida de todos que, já vêm sentindo seus efeitos, direta e indiretamente como: efeito estufa, desertificação, poluição de rios, falta de água potável e doce, esvaziamento de rios, desmatamento das florestas, ausência de chuvas no período previsto, esvaziamento de riachos, rios e afluentes e temperatura excessiva tanto para frio como para quente.

Ao mesmo tempo, devemos compreender que nos encontramos nesse pequeno planeta, nessa casa comum, perdidos no cosmos, e que nossa missão deve ser efetivamente a de civilizar as relações humanas sobre o nosso planeta. As religiões e políticas salvacionistas reiteram: sejamos irmãos, porque seremos salvos. Acredito que hoje seja necessário dizer: sejamos irmãos porque estamos perdidos num planeta suburbano, de um sol

suburbano, de uma galáxia periférica, de um mundo desprovido de centro (MORIN, 2008, p. 41).

A investigação dimensionada nesse conjunto de elementos conceituais, teóricos e metodológicos buscou justificar o procedimento da educação que educa para o ato de consumir e assim renovar as pessoas, fazendo com que o comportamento, diante de uma dada realidade que demonstre à agressão a natureza, ao ambiente, aos seres vivos e não vivos, não seja mais de quem nada pode fazer, nada viu ou nada ouviu.

Educar como deseja o pressuposto da educação para o consumo é munir o sujeito com conhecimento, saberes e aprendizagens que, precisamente, mudará o comportamento, diante do consumo exagerado. A oportunidade de ouvir falas, experiências, relatos, depoimentos demonstram com frequência que quando o sujeito envolvido no processo age com consciência, a tendência é exercer com responsabilidade atitudes de respeito ao ambiente.

O estudo não pretende negar a existência da necessidade do consumo, de evitar o indivíduo de consumir, pois seria descaracterizar o valor dessa abordagem. *A priori*, o que é dito, sobretudo, é que o ato de fazer compras, adquirir bens, produtos, realizar passeios, se alimentar, estudar, viajar e programar momento de lazer não inviabiliza um ambiente saudável.

No transcorrer das implicações exaustivas das práticas irresponsáveis, que não enxergam o valor da natureza, é notificada de forma expressiva a diferença entre consumir e consumismo, entre as atividades humanas que têm fins opostos e impactos diferentes. Negar a prática do consumo contraria o teor deste trabalho; evitar abordar o problema do consumo na visão sociológica, assim com aguçar a criticidade foi à intencionalidade expressiva para que a reflexão tivesse a credibilidade amparada pelas técnicas e formulações metodológicas.

A perspectiva deste estudo não é dizer quem pode ou quem não pode consumir. Não é a proibição e o distanciamento da prática de consumir. O que ressalta com veemência é a necessidade de educar para controlar as emoções, lidar com o desejo e aprender saber fazer escolhas no momento de aquisição de bens e produtos. Criticar a sociedade que transforma as pessoas em mercadoria e coisifica a vida humana.

O que é temporalizado é a afirmação que diz e observa que os impactos causados pelo impulso do consumo sem responsabilidade, sem consciência, sem considerar o agora, o antes e o depois não afeta apenas o presente, mas é extensivo e contínuo para outros ambientes.

O resultado da pesquisa, da observação foram reveladores no sentido de criar expectativa quanto à produtividade do ato educativo que fundamenta a necessidade de o sujeito agir com responsabilidade, ou seja, com ética.

Portanto, entendendo que a educação para o consumo torna-se um instrumento determinante na relação ser humano e meio ambiente, ficam as seguintes recomendações para a organização aprendente – Escola Estadual Moysés Barbosa.

- A educação para o consumo é imprescindível dentro da organização, no caso da escola;
- A educação para o consumo responsável não deve ser modismo, temporária, momentânea, deve ser sim uma prática sustentável e intrínseca ao projeto pedagógico e político da instituição;
- A luta e a defesa pelo consumo responsável devem ser de responsabilidade de todos e todas participantes da organização;
- O exercício do consumo responsável deve ser feito dentro da própria instituição, como exemplo a ser seguido para outros espaços;
- O resultado de uma educação que tenha como foco educar para consumir traz benefícios imediatos para a comunidade;
- Educar para a responsabilidade com o ambiente em que se vive demonstra o quanto o conhecimento é importante no processo de conscientização e politização do sujeito.
- Consumir é inerente à vida contemporânea;
- O lugar privilegiado para educar para o consumo responsável é a escola, não negando o papel da família como fundamental e determinante na formação das pessoas;
- Ser educado para lidar com o consumo traz benefícios exuberantes para o meio ambiente e a qualidade de vida;
- Refletir sobre o papel da mídia e sua influência negativa para a prática do consumo sem analisar as consequências;
- Pensar que o consumismo está interligado ao desenvolvimento econômico e ao enriquecimento de grupos empresariais que usurpam, sem critérios e responsabilidade, os recursos naturais;
- Não nascemos sabendo como lidar com o consumo e como evitar a degradação ao meio ambiente. Tal aprendizagem se dá no convívio com os outros, nos relacionamentos existentes na família, na organização aprendente e na sociedade;
- Não é difícil e nem uma especificidade de alguns saber consumir de forma responsável;
- Educar para o consumo responsável é pensar no futuro, nas novas gerações, no bem coletivo e na sustentabilidade do planeta.

Notabilidade da pesquisa:

É fundamental que esta pesquisa possa ser útil no sentido de contribuir no enriquecimento do problema exposto, que é a educação para o consumo na organização aprendente educativa como instrumento determinante na relação sustentável entre ser humano e meio ambiente. A intenção é que o resultado obtido por meio de técnicas específicas da metodologia, onde foi possível observar detalhadamente e realizar entrevistas diretas com os participantes da organização não fique às margens de outras produções.

O ato de consumir é uma prática comum, existente em todas as culturas e em todos os povos, mas ser consumista, ser predador, agir sem ética, sem responsabilidade causa impactos, que são sentidos por todos os seres. O que se pode concluir é que a educação para o consumo deve estar presente em todas as ocasiões da vida, pois, no ato de consumir, o sujeito precisa de uma consciência que defina seu comportamento, sua ação e a capacidade de transformação, onde seja possível alterar a realidade, sabendo controlar as emoções, os desejos e as escolhas quando na aquisição e no uso de produtos ou bens.

Nesta busca metodológica pela presença da educação para o consumo e que, no ato de consumir, o ser humano seja capaz de distinguir o que pode do que não, o necessário do supérfluo, o bem do mal, o bom do ruim, o possível do pessimismo, a ciência com seus instrumentos tem relevância, pois é a partir da investigação, da busca, da capacidade de entender e interpretar a realidade que o conhecimento científico fortalece, unindo-se a outros campos de saberes que também tentam desvendar os fenômenos existenciais que afligem a todos no espaço histórico e real.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. São Paulo: Atlas, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: O que é como se faz**. São Paulo: Edições Loyolo, 1998.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BARROS, Aidil Jesus da Silveira. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Perarson Prentice Hall, 2007.
- BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.
- _____. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.
- _____. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**: Tradução Alexandre Viera Werneck. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2010.
- _____. **A ética é possível no mundo de consumidores**: tradutor Alexandre Viera Werneck. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2011.
- BOFF, Leonardo. **Ética da vida**. Brasília: Letrativa, 1999.
- _____. **Ética e moral: a busca dos fundamentos**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - L.D.B Nº 9.394/96**. Secretaria Especial de Editorações e Publicações. Brasília, DF: Senado, 2005.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos : apresentação dos temas transversais**. Brasília : MEC/SEF, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora, 1997.
- CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões**. Tradução Eliana Rocha. São Paulo: Editora Senac, 2003.
- CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.
- DALBERIO, Osvaldo; DALBERIO, Maria Célia Borges. **Metodologia Científica**. São Paulo: Paulus, 2009.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto editora, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000a.
- _____. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre. Artes Médicas Sul, 2000b.
- _____. **Educar para a sustentabilidade**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.
- _____. **Escola Cidadã**. São Paulo. Cortez Editora, 2010a.
- _____. **A carta da terra na educação**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010b.
- _____. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. São Paulo: Livraria e Editora Instituto Paulo Freire, 2011.
- GHEDIN, Evandro. **Ensino de filosofia no ensino médio**. São Paulo. Cortez editora, 2009.
- GOMES, Laura Graziela; BARBOSA, Lívia. Por uma antropologia do consumo. **Antropolítica**. n 17, 2 semestre, p. 11-20, 2004.
- LAGO, Antonio; PÁDUA, José Augusto. **O que é ecologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2007.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico**. São Paulo: Cortez, 2011.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez/ Brasília: UNESCO, 2001.
- _____. **Amor, poesia e sabedoria**. Tradução Edgard Assis de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- _____. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliana Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MORIN; Edgar, CIURANA, Emílio; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. Tradução Sandra Trabuco Valenzuela. São Paulo: Cortez/ Brasília: UNESCO, 2003.
- NUNES, Getúlio de Souza. A organização como o centro nervoso de uma rede em constante metamorfose. In: ASSMANN, Hugo (Org.). **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SAVIANI, Dermeval. **Educação: Do senso comum à consciência filosófica**. Campinas: Editora Autores Associados, 2000.
- SILVA, Anielson Barbosa. **Como os gerentes aprendem?**. São Paulo: Saraiva, 2009.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes consumistas**: do consumismo à compulsão por compras. São Paulo: Editora Globo, 2014.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Sociologia para jovens**: Iniciação à sociologia. Petrópolis: Vozes, 1993.

VILA NOVA, Sebastião. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Atlas, 2000.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ANEXO - A - Roteiro da Entrevista com Educadores

Campo de pesquisa: Escola Estadual Moysés Barbosa

Área de Localização: Urbana

Município: Petrolina- PE.

Nome: (Opcional)

Data de preenchimento: ____/____/____

Considerando realização de estudo sobre: **Educação para o consumo na organização aprendente educativa como instrumento determinante na relação sustentável entre ser humano e meio ambiente**, solicitamos cordialmente, o preenchimento da entrevista a seguir.

1- Sexo: Feminino () Masculino ()

2- Idade:

() entre 18 a 29 anos

() entre 30 a 45 anos

() entre 45 a 60 anos

() mais de 60 anos.

3- Grau de instrução:

() graduação incompleta

() Graduado

() Pós- graduado (especialização)

() Pós- graduado (mestre, doutorado)

4- Tempo de trabalho na organização aprendente (escola)

() mais de 6 meses

() mais de 1 ano

() mais de 2 anos

() mais de 3 anos

() mais de 4 anos

() mais de 10 anos

() outros

5- Função na organização aprendente (escola):

.....

6- Qual sua área de formação:

() humanas () linguagens () ciências da natureza e matemática

7- Qual o papel da Escola na educação do consumidor?

8- De modo geral, o que você pensa sobre o consumo?

9- Para você, quem mais influencia o consumo na atualidade? E em você que influencia?

10- Com você caracteriza um indivíduo “educado” com relação ao consumo?

11- Qual o papel do educando na conscientização do consumidor mais responsável?

12- Você considera a educação do consumidor algo necessário/relevante? Por quê?

13- O ser humano já nasce sabendo, pronto ou precisa aprender?

14- Quais os efeitos do consumo irresponsáveis considerando as questões econômicas, ambientais e sociais?

15- Como estudante, como você avalia suas práticas com relação ao consumo consciente e responsável? E na escola? Como são suas práticas?

16- Como você vê a prática dos colegas estudantes na escola com relação ao consumo consciente e responsável?

ANEXO B - Roteiro da Entrevista com Educandos

Campo de pesquisa: Escola Estadual Moysés Barbosa

Área de Localização: Urbana

Município: Petrolina- PE.

Nome: (Opcional)

Considerando realização de estudo sobre: **Educação para o consumo na organização aprendente educativa como instrumento determinante na relação sustentável entre ser humano e meio ambiente**, solicitamos cordialmente, o preenchimento da entrevista a seguir.

1- Sexo: F () M ()

2- Idade:

() entre 11 a 18 anos

() entre 18 a 29 anos

() entre 29 a 38anos

() mais de 38 anos.

3- Grau de instrução:

() Cursando fundamental

() Cursando Ensino Médio

() cursando fundamental EJA

() cursando Ensino Médio EJA

() Cursando ensino superior

4- Tempo de estudo na organização aprendente (escola)

() mais de 6 meses

() mais de 1 ano

() mais de 2 anos

() mais de 3 anos

() mais de 4 anos

() mais de 5anos

() outros

5- Qual o papel da Escola na educação do consumidor?

6- De modo geral, o que você pensa sobre o consumo?

7- Para você, quem mais influencia o consumo na atualidade? E em você que influencia?

8- Com você caracteriza um individuo “educado” com relação ao consumo?

9- Qual o papel do educando na conscientização do consumidor mais responsável?

10- Você considera a educação do consumidor algo necessário/relevante? Por quê?

11- O ser humano já nasce sabendo, pronto ou precisa aprender?

12- Quais os efeitos do consumo irresponsáveis considerando as questões econômicas, ambientais e sociais?

13- Como estudante, como você avalia suas práticas com relação ao consumo consciente e responsável? E na escola? Como são suas práticas?

14- Como você vê a prática dos colegas estudantes na escola com relação ao consumo consciente e responsável?